



PROF HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
PROFHISTÓRIA

VANESSA DE MELO LINO

**MITOS AFRO-AMERÍNDIOS NA EDUCAÇÃO: OS 'CONTOS DA TERRA' NAS
AULAS DE HISTÓRIA**

GAROPABA

2022

VANESSA DE MELO LINO

**MITOS AFRO-AMERÍNDIOS NA EDUCAÇÃO: OS ‘CONTOS DA TERRA’ NAS
AULAS DE HISTÓRIA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em
Ensino de História - ProfHistória - da Universidade Federal
de Santa Catarina como critério parcial da obtenção do título
de Mestre em Ensino de História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Aline Dias da Silveira.

GAROPABA

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

LINO, VANESSA DE MELO
MITOS AFRO-AMERÍNDIOS NA EDUCAÇÃO : OS 'CONTOS DA TERRA'
NAS AULAS DE HISTÓRIA / VANESSA DE MELO LINO ; orientador,
ALINE DIAS DA SILVA, 2022.
80 p.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade
Federal de Santa Catarina, , Programa de Pós-Graduação em ,
Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. . 2. Mitologia afro-ameríndia; Mitohermenêutica;
Narrativas míticas; Podcasts; Ensino de História.. I.
SILVEIRA, ALINE DIAS DA . II. Universidade Federal de
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em . III. Título.

Vanessa de Melo Lino

Mitos afro-ameríndios na Educação: os ‘Contos da Terra’ nas aulas de História

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Alex Degan
PROFHISTÓRIA-UFSC

Prof. Dr. Nilton Mullet Pereira
PROFHISTÓRIA – UFRGS

Prof. Dr Rogério Rosa Rodrigues
PROFHISTÓRIA – UDESC

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em História

Prof. Sandor Fernando Bringmann, Dr.

Coordenador do Programa

Prof^a Aline Dias da Silveira, Dr^a.

Orientadora

Garopaba, 2022

AGRADECIMENTOS

Aos meus queridos pais, Luiz Fernando Antunes Lino e Neuzete Teresinha de Melo Lino, apoiadores incondicionais de todas as minhas decisões, escolhas e caminhos, certos ou tortos, sempre, toda minha gratidão. À minha irmã, Fernanda de Melo Lino, pela parceria e o compartilhar dos episódios de vida vivida, minha gratidão. Ao meu irmão, Rafael de Melo Lino, por estar sempre comigo em espírito, já que seu corpo já renasceu de outra forma, em outro lugar, em outro tempo, minha gratidão. À minha pequena/grande filha, que cedeu gentilmente sua voz à Mani em um dos *podcasts* gravados, e cedeu muito, também, do que seria meu tempo dedicado a ela, para que eu conseguisse finalizar essa jornada acadêmica a que me propus, todo meu coração em gratidão. A esta família minha, que me acompanha sempre, mesmo que fisicamente distante, presente constantemente em pensamento e intenção, reverência e agradecimento. Certamente esse trabalho só foi possível pela força, suporte e amor que encontro no seio familiar.

Aos meus amigos, inomináveis, que ouviram meus *podcasts*, me deram sugestões, críticas e elogios, me ajudando a construir e aprimorar o conteúdo que apresento ao final dessa pesquisa, meus agradecimentos. Aos queridos amigos Bernardo Villanueva de Castro Ramos e Rafael Antônio Lumi Dartora, que emprestaram suas vozes aos personagens e trabalharam na edição; e à Amanda Correia Ronchi, que me ajudou na criação da página virtual, agradeço imensamente. Gratidão especial à amiga Julia Frozza, pela ajuda no abstract e apoio sempre presente. Sem todos vocês nada disso seria possível.

Aos meus professores do Profhistória, em especial minha orientadora, professora Aline Dias da Silveira, pelos ensinamentos, suporte e paciência, minha eterna gratidão. Há muito do que aprendi com cada um desses mestres no corpo desse trabalho.

Gratidão também a cada um dos meus alunos, pois, inegavelmente, cada estudante que passa pela minha vida, leva algo de mim e deixa algo de si. São eles que me inspiram, motivam, encantam e me impulsionam a continuar.

E, finalmente, a tudo que é sagrado, não visível, não palpável, que reflete a hierofania da vida, e sei que me sustenta e acompanha, minha mais sincera gratidão.

*A “história” é a criatura do tempo.
As “estórias” são emissárias da eternidade.*

Rubens Alves

RESUMO

O presente trabalho nasceu de experiências pedagógicas que encontraram nas narrativas míticas um fio condutor para a produção do conhecimento histórico escolar. O recorte temático consiste no uso de mitos de origem iorubá, guarani e bororo, ou seja, mitologia afro-ameríndia, fundamentalmente, nas aulas de História do ensino regular, mas, potencialmente, também em um campo de ensino mais amplo, de carácter interdisciplinar. A questão condutora da pesquisa veio da reflexão de como as narrativas e as experiências míticas de origem iorubá e indígena podem contribuir para o processo de aprendizagem em História, mas colaborando também para o desenvolvimento integral do estudante. Sendo assim, o objetivo principal do trabalho é apresentar algumas formas de compreender e usar os mitos no ensino de História sem excluir a amplitude e as especificidades dessas narrativas, trazendo uma compreensão do conceito de mito para além de um gênero literário ilustrativo de uma cultura específica e desassociando a ideia de mito/mentira. Para isso, dialogamos com teóricos como: Mircea Eliade, Joseph Campbell e Jan Assmann. Consideramos também as narrativas míticas como formas de conhecer e entender a vida, não menos importantes que o método científico cartesiano de explicar o mundo, destacando o conceito da ecologia de saberes e pensamento pós abissal de Boaventura de Sousa Santos. Entendendo os mitos como componentes da tradição oral da humanidade, fazemos um diálogo também com o pesquisador africano A. Hmapaté Bâ e autores indígenas como Ailton Krenak e Davi Kopenawa. Encontramos na metodologia da mitohermenêutica, do professor/pesquisador e mitólogo Marcos Ferreira dos Santos, um caminho possível para a construção da pesquisa e também para as atividades sugeridas na dimensão propositiva. O resultado final se apresenta em uma audioteca com quatro *podcasts* de narrativas míticas, acompanhada de sugestões práticas para seu uso na educação, direcionada a professores, e disponível em um ambiente virtual de livre acesso.

Palavras-chave: Mitologia afro-ameríndia; Mitohermenêutica; Narrativas míticas; *Podcasts*; Ensino de História.

ABSTRACT

The present study originated from pedagogical experiences that found in mythical narratives a central thread for the production of school historical knowledge. The thematic cut consists of the use of myths of Yoruba, Guarani and Bororo origin, that is, Afro-American mythology, fundamentally, in regular school history classes, but, potentially, also in a broader teaching field, of interdisciplinary character. The driving question of the research came from the reflection on how mythical narratives and experiences of Yoruba and Indigenous origin can contribute to the learning process in History, but also collaborate with the integral development of the student. Thus, the main objective of this work is to present some ways of understanding and using myths in History teaching without excluding the amplitude and the specificities of these narratives, bringing an understanding of the concept of myth beyond a literary genre illustrative of a specific culture and disassociating the idea of myth/lie. To this end, we dialogued with theorists such as Mircea Eliade, Joseph Campbell, and Jan Assmann. We also consider mythical narratives as ways of knowing and understanding life, no less important than the Cartesian scientific method of explaining the world, highlighting the concept of the ecology of knowledge and post-abysal thinking of Boaventura de Sousa Santos. Understanding myths as components of the oral tradition of humanity, we also dialogue with the African researcher A. Hmapaté Bâ and Indigenous authors such as Ailton Krenak and Davi Kopenawa. We found in the methodology of myth-hermeneutics, by professor/researcher and mythologist Marcos Ferreira dos Santos, a possible path for the construction of the research and also for the activities suggested in the propositional dimension. The final result is presented in an audio library with four podcasts of mythical narratives, accompanied by practical suggestions for its use in education, directed to teachers, and available in a virtual environment of free access.

Keywords: Afro-American Mythology; Mitohermeneutics; Mythical Narratives; Podcasts; History Teaching.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPUH	Associação Nacional de História
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
COVID-19	Corona virus disease (2019)
ENPEH	Encontro Nacional de Pesquisadores em Ensino de História
HQ	História em quadrinhos
Lab_Arte	Laboratório de Artes
ProfHistória	Mestrado Profissional em Ensino de História
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

SUMÁRIO	10
1 INTRODUÇÃO.....	11
2 NARRATIVAS MÍTICAS: delineando uma perspectiva	20
2.1 O mito como uma forma de aprendizagem do mundo	23
2.2 Os mitos, as memórias e histórias	28
3 MITOHERMENÊUTICA: uma possibilidade de desenvolvimento nas aulas de história....	32
3.1 Entendendo a mitohermenêutica: a jornada interpretativa	32
3.2 Escolhendo a mitologia afro-ameríndia.....	36
3.3 Mito: uma tradição oral	38
4 O MITO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA: roteiros dos <i>podcasts</i> “Contos da terra” e as atividades sugeridas.....	41
4.1 <i>PODCAST</i> 01: Iansã Borboleta	42
4.2 <i>PODCAST</i> 02: Oxóssi da floresta.....	46
4.3 <i>PODCAST</i> 03: Mani da oca.....	51
4.4 <i>PODCAST</i> 04: Estrelas bororo	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	69
ANEXO A	73
ANEXO B	74
ANEXO C	75

1 INTRODUÇÃO

Concluí a graduação em Bacharelado e Licenciatura em História na Universidade Federal do Paraná em 2006, desde então tive a oportunidade de lecionar para variadas faixas etárias, das séries iniciais do Ensino Fundamental ao Ensino Médio. Em 2014, já como professora de História efetiva do Estado de Santa Catarina, passei a trabalhar especificamente com turmas das séries finais do Ensino Fundamental, dentre estas, os sextos e sétimos anos me conquistaram profundamente. Nos últimos anos em que estive atuando em sala de aula optei por trabalhar, exclusivamente, com essa etapa da escolarização, pois aprecio bastante as dinâmicas com essa faixa etária, no entanto, me encontrei diante de um desafio relacionado ao Currículo dos sextos anos: nunca gostei muito dos temas relacionados à Antiguidade Clássica, sempre achei difícil trabalhar o conteúdo sobre Grécia e Roma antigas com os estudantes. Percebia o conteúdo distante da realidade dos alunos, com termos e conceitos que eles não conheciam e que não lhes faziam sentido. Eu mesma não conseguia construir um elo de conexão, que fosse realmente motivador, entre o que estávamos estudando e a vida prática. Foi tentando solucionar esse desafio que encontrei na mitologia greco-romana um caminho possível para criar um diálogo com os alunos e com aquele recorte específico da História Antiga. O encantamento pelos mitos foi algo surpreendente. Afetou a todos nós e trouxe um interesse geral dentro da escola. Passo agora a relatar brevemente um pouco dessa experiência.

Desenvolvi, em companhia dos alunos dos sextos anos, um projeto que denominei ‘Contação de mitos greco-romanos’, que foi realizado por quatro anos consecutivos, de 2016 a 2019, na Escola de Educação Básica José Rodrigues Lopes, em Garopaba (SC). O projeto tem sua história própria, já que foi se alterando no andamento e na apresentação com o passar do tempo. Em alguns aspectos cada ano do projeto foi diferente do outro, no entanto, a metodologia foi sempre a mesma: Todas as aulas de história do segundo semestre iniciavam com a contação de um mito greco-romano, assim, os alunos iam conhecendo os mitos e personagens mitológicos, principalmente por meio da narrativa oral. Dentro das narrativas míticas procurávamos as relações existentes entre as histórias das deusas, deuses, heróis e ninfas e a história social, política e cultural da Antiguidade. Esse era meu objetivo inicial com o projeto, gerar interesse e ilustrar, através de uma narrativa, um recorte espacial e temporal. No entanto, os estudantes demonstravam um interesse que superava as paredes da sala de aula e o conteúdo histórico. Não faltavam às aulas no dia que teria contação, não dispersavam a atenção quando se tratava da narrativa mítica, participavam com notável motivação, contavam os mitos para a família, compartilhavam suas impressões com os colegas das outras turmas nos intervalos entre

as aulas e ainda pesquisavam mais assuntos relacionados aos mitos em casa. Diariamente, me traziam informações sobre jogos, vídeos, livros e filmes que remetem à mitologia.

Todas as edições do projeto finalizaram com uma grande exposição, da qual eu gerava as notas necessárias para o sistema avaliativo da escola. O evento consistia na construção coletiva de bonecos dos personagens míticos, em ‘tamanho natural’; ou a produção individual de gibis, contando os mitos a partir de uma releitura pessoal de cada aluno. Trouxe no Anexo A e no Anexo B algumas fotos que ilustram esses momentos. O projeto, de forma geral, se tornou ‘famoso’ na escola, toda a comunidade escolar acabava se envolvendo, inclusive os pais dos alunos e outros professores. A exposição final sempre foi linda e emocionante, os estudantes apresentavam seus bonecos e gibis para toda comunidade escolar, contando trechos dos mitos e enfatizando as características, símbolos e “poderes” de cada personagem.

Torna-se fundamental mencionar um desdobramento importante dessa experiência para, principalmente, apontar a variedade de caminhos possíveis para o uso de narrativas míticas em ambiente escolar, caminhos esses que eu mesma estou trilhando nessa dissertação. Em 2018, a escola promoveu uma Feira Cultural cujo tema central seria Brasil. Cada professor deveria desenvolver um trabalho, com uma de suas turmas, em torno desse tema gerador. Nesse período, eu estava desenvolvendo o projeto ‘Contação de mitos greco-romanos’ e precisava, de alguma forma, relacionar o que estávamos trabalhando naquele momento com a História do Brasil. Logo pensei que, se estávamos conhecendo os mitos dos gregos e romanos, poderíamos então conhecer e divulgar alguns mitos de origem brasileira. A partir de uma pesquisa realizada pelos alunos, selecionamos alguns mitos indígenas, entre eles: *A Lenda do açaí*, *a Lenda do guaraná*, *o mito do pássaro Uirapuru* e *o mito da origem da mandioca*. Os alunos de uma das turmas dos sextos anos, realizaram uma apresentação nessa Feira Cultural, evento aberto para toda comunidade, expondo cenários repletos de elementos cênicos, criados e compostos por eles, como bonecos, maquetes, instrumentos musicais, e até uma pequena oca foi construída. Através desses elementos eles recriavam e recontavam as narrativas míticas que haviam pesquisado através da oralidade. Os alunos ‘contadores de mitos’ receberam visitantes da comunidade escolar e também de outras escolas do município. O interesse e motivação também foram muito evidentes nessa experiência. Para além de conhecer alguns aspectos sobre a alimentação e crenças específicas dos povos nativos do Brasil, foi evidente também o envolvimento coletivo, a criatividade na realização da atividade, a segurança em contar essas narrativas para outras pessoas, a qualidade da estética dos cenários, a desenvoltura dos alunos. Também ficou evidente que o interesse dos alunos em relação aos mitos não se limitava ao modelo greco-romano, pois

as narrativas míticas indígenas geraram o mesmo encantamento, a mesma motivação, perceptível na maioria dos estudantes ao conhecer e recontar essas narrativas.

Todas essas observações apontam para um profundo interesse dos alunos pelos temas míticos e também revelam um impulso no desenvolvimento de várias habilidades humanas, individuais e coletivas, muito similar ao que também pude perceber na exposição final dos bonecos e gibis acima relatada. Tornaram-se evidentes as conexões que a mitologia oferece com vários aspectos da vida humana, seja como modelos de comportamento, regras sociais, relações com o corpo, com o alimento, com a Natureza e com o Sagrado. Existe uma amplitude no alcance dessa experiência mítica que pode transcender o espaço e o “conteúdo” escolar e alcançar também o espaço familiar e o da comunidade, além de camadas mais profundas da cognição e da psique humana.

Contudo, os mitos ainda ocupam um lugar muito restrito na educação escolar. Observei que quando as narrativas míticas aparecem no Currículo das aulas de História é de uma forma muita mais ligada à literatura. Ou seja, aparecem como exemplos de produção cultural literária de um certo recorte histórico e não como componentes fundadores da própria História desses povos. Comumente, mito e história parecem ser diretamente relacionados com ficção e verdade científica, respectivamente. São apresentados como se pudessem ser elementos dissociáveis, como se não fizessem parte de um mesmo universo de compreensão de mundo. Porém, sabemos que em outras culturas, como a indígena e a africana por exemplo, mito e história não se separam, se complementam nos saberes que atuam no agir da vida cotidiana. Portanto, muitas vezes, e sem perceber, nós professores, acabamos reproduzindo visões únicas e generalizadoras que talvez não contemplem a complexidade e diversidade humana.

Gostaria de destacar que ainda há um modelo tradicional racionalista vigorando no sistema educacional atualmente. Nesse contexto, o ensino de história geralmente está ancorado em um paradigma científico moderno declaradamente eurocentrista. De acordo com o professor de mitologia da USP e divulgador da mitohermêutica na educação, Marcos Ferreira dos Santos (2004), vivemos em um modelo baseado no que ele chama de equipamentos civilizacionais:

- a escola etnocêntrica e elitista (mesmo que massiva) com o seu furor pedagógico;
- o contratualismo francês (racionalidade do contrato social) com o seu furor gestor;
- a apologia da ciência (experimental e aristotélica) com seu furor epistemológico.

Edgar Morin em “Os sete saberes necessários à educação do futuro”, defende que a epistemologia hegemônica da racionalidade técnica não considera a complexidade do ser

humano, sua totalidade e sua conexão com o todo. É como se dividíssemos os estudantes em ‘fatias’: a parte social, a parte biológica, a parte psicológica; assim como dividimos os saberes em disciplinas distintas. Morin aponta para a complexidade do ser humano, na qual o desenvolvimento do conhecimento racional-empírico-técnico jamais anula ou invalida o conhecimento simbólico, mítico, mágico ou poético (MORIN, 2000, p. 59)

Nesse paradigma tradicional e limitado, que acabamos por reproduzir nas salas de aula, os mitos não possuem um lugar de conhecimento lógico-racional, e passam a ser categorizados como elementos do campo das superstições, ficções ou crendices populares. No entanto, antes dos filósofos gregos, dos primeiros historiadores, dos renascentistas, iluministas, positivistas e empiristas os mitos já existiam. O ser humano dançou, ritualizou e narrou sua compreensão de mundo constituída por outras lógicas, e ainda o faz de várias maneiras no mundo moderno. As explicações míticas e religiosas, configuram as formas primeiras de explicação do mundo, vivas na experiência, na memória e na psique da humanidade desde o surgimento dos primeiros grupos sociais até os dias de hoje, e por isso, a meu ver, deveriam ser mais presentes nos processos educativos.

Outro aspecto que se faz necessário destacar aqui é que optei, nessa pesquisa, por trilhar um caminho relativamente diferente do que foi apresentado no relato da experiência pedagógica “Projeto Contação de mitos greco-romanos”, mais inspirado na segunda experiência descrita acima, que é o trabalho com mitos de outras tradições como a indígena e a africana. A razão dessa escolha está justamente nas reflexões sobre novos paradigmas possíveis, mais alinhados com a cultura brasileira e a construção simbólica da nossa identidade ancestral. É necessário apresentar alternativas epistemológicas e metodológicas (aprendizagem - ensino) para o desenvolvimento da consciência histórica integrada com essa experiência humana. A mitologia afro-ameríndia, tão rica quanto a greco-romana, é ainda menos presente em sala de aula, porém, potencialmente abre muitas possibilidades para ampliação de conhecimentos históricos e impulso ao desenvolvimento integral do ser humano. Além disso, essa perspectiva incentiva um trabalho pedagógico que vai de encontro com a implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08, consolidadas a partir de lutas políticas e sociais, que tornaram as temáticas afro-brasileiras e indígenas, nas escolas, uma exigência legal, abrindo espaço no currículo para a diversidade e a alteridade.

Ao pensar especificamente sobre o componente curricular História, e a partir das experiências e percepções acima relatadas, cheguei a seguinte problemática: Como as narrativas

e as experiências míticas de origem iorubá e indígena podem contribuir para o processo de aprendizagem em História e contribuir também para desenvolvimento integral do estudante?

Sendo assim, o objetivo principal do meu trabalho é apresentar algumas formas de compreender e usar os mitos no ensino de História sem excluir a amplitude e as especificidades dessas narrativas, trazendo uma compreensão do conceito de mito para além de um gênero literário ilustrativo de uma cultura específica e desassociando a ideia de mito/mentira.

Para isso se faz necessário trazer a mitologia de origem afro-brasileira e indígena nos processos educativos como uma forma de apresentar possibilidades de construir outros paradigmas a partir da experiência mítica e da ancestralidade, entendida aqui como uma conexão aos antepassados através do conjunto de símbolos, modelos e conhecimentos/experiências inumeráveis presentes nos mitos e transmitidas de geração em geração.

Realizando o estado da arte, referente ao tema dessa pesquisa, de forma geral, pude constatar que os mitos geralmente aparecem em sala de aula nesse contexto e dessa forma: História Antiga, Grécia e Roma, pensamento ocidental e ilustração de um recorte de tempo/espaço. Ou seja, modelo relativamente limitado em que, mais ou menos, eu mesma vinha trabalhando nas últimas oportunidades em sala de aula com as turmas dos sextos anos.

Também observei que uma das subtemáticas, ligadas ao uso de mito em sala de aula, mais comuns nos trabalhos encontrados, é a questão da ludicidade, ligada também à técnica de “contação de história” e da “performance”, como no artigo **Mito e Educação no Cotidiano Escolar** de Márcia Reami Pechula e Maria Augusta Hermengarda Wurthmann Ribeiro, na dissertação de Mestrado Profissional de Rafael Rossi, intitulada **A História Antiga na sala de aula do 6º. ano do Ensino Fundamental com "contação de histórias"** e também na dissertação de mestrado **Performances mito-narrativas no Ensino de História**, de Daniela Cristina Pacheco. Nesses trabalhos, o papel do professor-ator é ressaltado, incentivando a busca docente por novos métodos e formas de instrumentalizar sua didática. Concordo que as narrativas míticas realmente têm essa camada lúdica, que alimenta o imaginário e a fantasia, gerando grande interesse nos estudantes. Contudo, os mitos oferecem mais que uma oportunidade prazerosa de aprendizagem. Já foi possível encontrar em alguns trabalhos abordagens mais complexas, que consideram outras camadas dos mitos e suas possibilidades, se opondo a lógicas conservadoras de uma matriz científica ocidental que parece negar as diversidades dos saberes. Guilherme Moerbeck, professor de História na UERJ, vem trabalhando, em seu pós-doutorado, com a possibilidade de desenvolvimento da consciência histórica através de narrativas míticas, como observamos no artigo **História Antiga no ensino**

fundamental: um estudo sobre os mitos gregos antigos e a consciência histórica. Nesse trabalho o autor apresenta os resultados de uma experiência pedagógica na qual ele procurou unir a noção de consciência histórica e as narrativas míticas relacionadas à História Antiga, em uma pesquisa empírica com os alunos do sexto ano do ensino público do município de Duque de Caxias (RJ). Sua fundamentação teórica amparou-se fundamentalmente no conceito de consciência histórica de Jörn Rüsen. Essa é uma abordagem que evidencia as relações possíveis entre narrativas míticas e conhecimento histórico.

Sobre o uso de mitos de outras tradições no ambiente escolar também já foi possível encontrar trabalhos significativos. No artigo **História dos antigos e mitos modernos como recurso didático: uma experiência nas escolas**, de Júlia Lobato Pinto de Moura, a autora relata a sua experiência com o uso de mitos da tradição iorubá e da tradição indígena brasileira em aulas de revisão de conteúdo para uma turma do terceiro ano do Ensino Médio. Ela apresentou uma perspectiva intercultural, baseada em autores como Boaventura de Souza Santos, que atenta para a ideia de produção do conhecimento para além do eurocentrismo e do cientificismo. Este trabalho foi muito importante para a formulação do referencial teórico da minha pesquisa, pois também uso a perspectiva da *ecologia de saberes* e pensamento *pós abissal*, desse mesmo pesquisador.

Essa busca inicial também me possibilitou entrar em contato com os artigos do educador Marcos Ferreira Santos, professor de mitologia, livre-docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e coordenador do Lab_Arte – laboratório experimental de arte-educação e cultura. O conceito de *mitohermenêutica*, desenvolvido por ele, fundamenta a prática pedagógica que norteia também alguns aspectos da minha pesquisa e da minha proposta pedagógica. Cito aqui alguns de seus trabalhos que me nortearam, significativamente, ao construir essa pesquisa: artigo **Ancestralidade e Convivência no processo identitário: a dor do espinho e arte da paixão entre Karabá e Kiriku**, artigo **Cultura e educação afro-ameríndia: a experiência na FE-USP** e o artigo **Cultura Imaterial e Processos simbólicos**.

Como já mencionado, dialogo com uma compreensão do conceito de mito para além de um gênero literário ilustrativo de uma cultura específica, desassociando a ideia de mito/mentira. Para isso, faço uso de ideias de teóricos como Mircea Eliade, Joseph Campbell e Jan Assmann. Eliade, que traz a importância do mito e suas reatualizações nas diversas sociedades. Campbell trata o mito com a profundidade necessária para entender seus efeitos sobre a ação e o desenvolvimento humano. E, Jan Assmann, sendo historiador, revela a importância dos mitos para o campo da História, os compreendendo como componentes das memórias coletivas,

culturais e imateriais da humanidade. Para refletir sobre a temática dos novos paradigmas possíveis, trouxe Boaventura de Sousa Santos, destacando o conceito da *ecologia de saberes e pensamento pós-abissal* que ele propõe. Do professor/pesquisador Marcos Ferreira dos Santos, trago a ideia da mitohermenêutica na educação, enriquecendo reflexões de como podemos agir na prática a favor de um aprendizado mais significativo através da vivência sensível e simbólica dos mitos.

Para pensar sobre a questão da experiência e as narrativas, já que quando se trata de mitos necessariamente falamos de narrativas orais, transmitidas na tradição, na experiência vivenciada de geração em geração, menciono Walter Benjamin, e como o recorte temático da pesquisa é a mitologia afro-ameríndia compartilho, também, da perspectiva de autores atuais que se colocam a partir do ponto de vista dessas tradições. Portanto, dialogo com Ailton Krenak e Davi Kopenawa, e para pensar afroperspectivas, Renato Noguera e A. Hmapaté Bâ.

Considerando a situação que vivenciamos nos últimos tempos, na qual os anos letivos de 2020 e 2021 acabaram sendo completamente atípicos em razão da pandemia do Covid19 e isolamento social, optei por trabalhar com possibilidades metodológicas que poderiam ser utilizadas tanto no ensino remoto quanto no ensino presencial. Cabe aqui mencionar que todas as disciplinas do mestrado, que inicialmente seriam em modelo presencial, acabaram se tornando virtuais. Essa experiência fez com que buscássemos alternativas para diminuir as distâncias impostas pelo contexto, pensássemos em métodos que facilitassem o processo de adaptação que nós mesmos, professores/alunos do Profhistória, estávamos vivendo. Sendo assim, escolhi trabalhar, especificamente, com a ferramenta **Podcast**. *Podcasts* consistem em gravações de áudio que podem ser reproduzidas diversas vezes. A opção por *podcasts* parte do princípio de que narrativas míticas, fundamentalmente as afro-ameríndias, sempre foram, e são até hoje, difundidas pela tradição oral. Os mediadores entre o conhecimento e o coletivo se personificam nas figuras dos Griots, Pajés, Caciques e Abuelas. Nessas perspectivas, a palavra dita tem um grande valor e, a tentativa aqui foi de manter justamente o formato de como os mitos são essencialmente compartilhados. Buscando respeitar, na medida do possível, essa tradição, a intenção é que os mitos trabalhados nas aulas, mesmo que em “salas virtuais”, mantenham minimamente sua estrutura oral. Ressalvo também que um *podcast*, por sua natureza técnica e impessoal, não seria capaz de alcançar plenamente a áurea da “contação de histórias” das tradições orais míticas, no entanto, como uma ferramenta de áudio, se aproxima melhor da ideia de oralidade, comparando-a à narrativa escrita por exemplo.

Partindo desse princípio, eu produzi, em união com alguns convidados, uma pequena audioteca com uma série de *podcasts* contendo narrativas orais de mitos iorubás e indígenas, para serem compartilhados com os alunos. Acompanhando essas narrativas apresento algumas sugestões de atividades pedagógicas a serem desenvolvidas a partir desses *podcasts*. Essas atividades trazem como pano de fundo as diversas camadas que os mitos possuem, tais como: históricas, psicológicas, simbólicas, individuais, coletivas e pedagógicas.

A abordagem proposta nessa pesquisa ganha sentido dentro do aporte teórico metodológico da mitohermenêutica, metodologia de interpretação dos mitos apresentada pelo professor Marcos Ferreira dos Santos. O trabalho desse professor se diferencia na medida em que ele proporciona que os alunos experienciem as narrativas míticas com as quais dialogam em sala de aula. Nessa perspectiva, a ferramenta principal é a arte, a criatividade, a música, a representação e o próprio corpo. Essa metodologia, no caso da minha pesquisa, se faz presente nas atividades propostas através das possibilidades criativas de construção de narrativas, histórias em quadrinho, desenhos, dramatizações, bonecos, cenários e *podcasts*. Tal diversidade de atividades, envolvendo as narrativas orais e as interpretações pessoais, possibilita, em níveis diferentes, que os estudantes realmente vivenciem o mito ao se projetarem como personagens reais de suas jornadas próprias, inspirando-se nos exemplos míticos.

Reitero que a oralidade e a experiência são elementos fundamentais ao se tratar da temática dos mitos, assim como a questão da narrativa como uma ordenação confluyente da relação entre passado, presente e futuro. Acredito que as narrativas míticas, entendidas como modelos nos quais o desenvolvimento humano acontece, formas de entender o mundo e a ação humana, também são potencialmente formas de desenvolver a consciência e o conhecimento histórico, uma relação dinâmica entre experiência do tempo e intenção no tempo, se relacionando diretamente com a vida humana prática e com a história de cada um de nós.

No primeiro capítulo desse trabalho, intitulado **Narrativas míticas: delineando uma perspectiva**, me proponho a aprofundar as reflexões, já aqui apontadas, sobre a concepção de mito que uso na pesquisa, apresentando a discussão teórica referente ao tema. Como já mencionado brevemente, dialogo com autores que entendem o conceito de mito para além de um gênero literário ilustrativo de uma cultura, mas sim como modelo originário, meio de conhecimento dentro da própria história humana e como elemento da memória cultural e coletiva da humanidade. Também nesse capítulo, trabalho com abordagens que contemplam novos paradigmas na educação e que incluem no ensinar/aprender novas maneiras de perceber o mundo e a diversidade, trazendo a narrativa mítica como uma dessas possibilidades.

O segundo capítulo, **Mitohermenêutica: uma possibilidade de desenvolvimento nas aulas de história**, está composto pelo aporte teórico metodológico da dimensão propositiva, focando no desenvolvimento do conceito *mitohermenêutica*. Também procuro justificar a escolha específica pelas mitologias de origem afro-brasileiras e indígenas nos processos educativos, considerando principalmente a ampliação das possibilidades de jornadas míticas ancoradas em paradigmas diferentes dos greco-romanos e mais conectados com a diversidade e a memória ancestral/coletiva brasileira. Finalizando o capítulo, faço uma breve reflexão sobre a importância do elo entre as narrativas míticas e a oralidade, principalmente nas tradições das quais esses mitos são provenientes, intencionando vislumbrar, em certa medida, esse elo na produção dos *podcasts* finais.

No terceiro e último capítulo, denominado **O mito na prática pedagógica: roteiros dos podcasts “Contos da terra” e as atividades sugeridas**, apresento, então, a proposta prática final, que consiste em uma audioteca com quatro narrativas míticas afro-ameríndias em formato de *podcast* e uma série de sugestões de atividades para serem usadas no ensino de História e também de forma interdisciplinar. Esse material está disponível em uma página virtual, um site gratuito, com livre acesso aos professores que se interessarem pelo tema.

Já estava em vias de conclusão dessa dissertação quando tive a oportunidade de realizar, em sala de aula, a aplicação de algumas dessas atividades com turmas dos sextos anos do ensino fundamental. Então, optei por incluir, como anexo a esse trabalho, uma breve descrição da maneira como organizei essa dinâmica, e também minhas primeiras impressões sobre as devolutivas. Essa última etapa pode ser lida como uma iniciativa que começa a se desenhar em formas de aplicar o material produzido, levando em consideração que os mitos abrem um portal de inúmeras possibilidades, e por isso, o relato em si, tem um carácter quase diagnóstico, de realmente testar como esse material, que foi produzido através de uma projeção imaginativa, poderia funcionar na prática.

2 NARRATIVAS MÍTICAS: delineando uma perspectiva

Em uma concepção bem geral, o mito pode ser compreendido como uma *narrativa*, porém há diferentes formas de definição de mito no campo teórico. Podemos falar do mito sob várias perspectivas: filosófica, social-histórica, antropológica, psicológica, semiótica, literária, sociológica ou fenomenológica. Narrativas míticas possuem diversas camadas e estas, muitas vezes, se sobrepõem, outras podem até se contrapor, mas via de regra, nos indicam que nem sempre as perspectivas devem estar limitadas por uma única ótica.

O objetivo aqui não é exatamente discutir ou apresentar as diversas formas teóricas de se olhar para esse objeto, e sim de situá-lo no cotidiano escolar de uma forma positiva e enriquecedora. No entanto, para isso, se faz necessário buscar na historiografia referências que apontem para o significado humano e social que os mitos carregam através dos tempos e espaços.

Em meados do século XIX, com o desenvolvimento dos estudos da área da Antropologia, Ciências da Religião e da Psicologia Analítica, alguns teóricos passaram a ver a mitologia como algo a ser estudado com mais seriedade. Provavelmente, esse interesse ganhou mais relevância a partir da percepção de que muitos mitos apresentam similaridades óbvias e recorrentes, mesmo sendo originários de épocas e lugares muito distanciados entre si. Como explicar os elementos que se repetem nos mitos pertencentes ao leque cultural de grupos sociais tão diversos? Muitas vezes, em grupos que não tiveram nenhum tipo de contato? Para ilustrar aqui essa percepção de temáticas mitológicas recorrentes, citamos, como exemplo, a ideia de se ‘plantar o corpo físico’ pois em diversas sociedades existe o rito do sepultamento que se encontra presente no cotidiano dos grupos sociais mais remotos.¹ Qual a origem do ritual de se enterrar os mortos que se perpetua no tempo? O ‘plantio’ dos corpos traz a ideia de nascimento (ou renascimento), como reflexo do processo natural que ocorre na agricultura. O corpo como ‘semente’ é um elemento que aparece nos mitos ameríndios como a indiazinha de pele branca chamada Mani que, ao ser enterrada no centro da Oca de sua tribo, dá origem à mandioca ou o chefe de tribo indígena norte-americano que pede para ser enterrado em determinado local e ali nasce uma linda planta parecida com o seu cocar, fazendo uma referência ao surgimento do milho. Dentre muitas narrativas míticas similares, ainda temos as lendas indígenas relacionadas à existência do açaí, do guaraná, da vitória-régia. Mesmo nesses mitos também se percebem

¹ Em ARMSTRONG, Karen. *Breve história do mito*. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. A autora inicia esse estudo comentando os ritos míticos de sepultamento desde a época dos Neandertais.

outras temáticas recorrentes como o sacrifício do herói ou de divindades que entregam seu corpo, ou seja, sacrificam a própria vida, para gerar subsistência ao coletivo, nutrir o grupo. Uma nutrição que também pode ser a da ‘alma’, como na mitologia bíblica, na qual Cristo oferece seu corpo e sangue na Eucaristia para salvar a humanidade. Há muitas outras temáticas e personagens míticos entre os quais é possível traçar paralelos, mesmo que pertencendo a conjuntos de mitos de origens muito diferentes. Essa particularidade das narrativas míticas chamou a atenção de pesquisadores como C. G. Jung, Joseph Campbell, Mircea Eliade e Karen Armstrong.

C. G. Jung desenvolveu seus estudos sobre os mitos a partir do conceito de arquétipo que ele define como “uma espécie de predisposição a reproduzir sempre as mesmas, ou semelhantes, representações míticas”² (JUNG, 1974, p. 88). Os arquétipos seriam os modelos universais primordiais que existem desde os tempos mais remotos e fazem parte, mais especificamente, do conteúdo do inconsciente coletivo. Para Jung a estrutura psíquica é formada pelo consciente, inconsciente pessoal e inconsciente coletivo. Este último não é algo que se condiciona ao tempo e espaço, seria um conteúdo compartilhado por todos os seres humanos. O inconsciente coletivo não é pessoal, e sim universal, ou suprapessoal. É a parte da psique da qual se originam todos os outros pensamentos, ou seja, é a fonte primária, tanto do inconsciente individual quanto do próprio consciente:

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto, não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos. (JUNG, 2000, p. 53)

A matriz de todos os mitos seria o Inconsciente Coletivo, que se expressa através dos arquétipos, que, por sua vez, se manifestariam como personagens mitológicos (deuses, ninfas, heróis), ou como temáticas (plantio do corpo, renascimento, a jornada ou sacrifícios heroicos). Na concepção junguiana, os mitos seriam como as roupagens que os arquétipos tomam para se tornarem ‘visíveis’, de certa forma, conscientes.

² *El arquetipo es una especie de predisposición a reproducir siempre las mismas o semejantes representaciones míticas.* (JUNG, 1974, p. 88)

Campbell, que compartilha em seus trabalhos vários elementos provenientes dos estudos da psicologia analítica, afirma que os mitos são metáforas do que está ‘por trás do mundo visível’ e são necessários para ultrapassar as fases do desenvolvimento humano. Para ele “a função primária da mitologia e dos ritos sempre foi a de fornecer os símbolos que levam o espírito humano a avançar” (CAMPBELL, 2007, p.21). Esse processo é considerado praticamente biológico, parte integrante do funcionamento da mente e do corpo humano. Para Campbell³, os mitos são mais do que maneiras de explicar as coisas do mundo, são metáforas do mistério humano, são “pistas” das problemáticas humanas mais profundas. Há camadas na psique humana que, para ele, são atemporais, sendo semelhantes em todos os lugares e tempos: mesmos instintos, mesmos impulsos, mesmos temores. Os mitos, para esse autor, são expressões da própria estrutura da psique humana, o que ele também chama de alma ou espírito humano.

O conceito de arquétipo de Jung pode estar associado a outros termos que encontramos na bibliografia que aborda o assunto, entre os quais: imagens primordiais, representações coletivas, categorias da imaginação, pensamentos elementares. Contudo, todos se referem a esse lugar originário dos arquétipos. São os modelos a partir dos quais tudo é criado pelos homens. Campbell compartilha da mesma ideia de que os mitos das diversas sociedades, de certa forma, originam tudo que nelas é criado:

Em todo o mundo habitado, em todas as épocas e sob todas as circunstâncias, os mitos humanos têm florescido; da mesma forma, esses mitos têm sido a viva inspiração de todos os demais produtos possíveis das atividades do corpo e da mente humanos. Não seria demais considerar o mito a abertura secreta através da qual as inexauríveis energias do cosmos penetram nas manifestações culturais humanas. As religiões, filosofias, artes, formas sociais do homem primitivo e histórico, descobertas fundamentais da ciência e da tecnologia e os próprios sonhos que nos povoam o sono surgem do círculo básico e mágico do mito. (CAMPBELL, 1949, p. 7)

Mircea Eliade (1992) evidencia o aspecto exemplar das narrativas míticas ao afirmar que o mito revela como uma determinada realidade veio à existência, e faz isso através do ‘sagrado’, da ação dos Deuses. Sendo os Deuses seres perfeitos em certos aspectos e protagonistas de diversos mitos, a mitologia traz os modelos exemplares de todas as atividades humanas seja no âmbito do trabalho, sexualidade, alimentação, relações familiares. Esse autor usa os mitos ligados à criação do Mundo para ilustrar que a Cosmogonia é o modelo de toda

3 Coleção de Vídeos de entrevista com Joseph Campbell: O Poder do Mito.

https://www.youtube.com/watch?v=3Don-ZO92N4&list=PLA12LVF3EJ9puGg10-XZlacP_5qNq7HaA

criação e discute sobre o conceito de ‘reatualização’ dos mitos através das festas e rituais, o que na sua visão, tem a função de aproximar os homens de seus deuses (modelos exemplares), quase como se fossem contemporâneos (vivessem no mesmo tempo, o tempo mítico). “Restabelecer o Tempo Sagrado da Origem equivale a tornarmo-nos contemporâneos dos deuses, portanto a viver na presença deles, embora essa presença seja “misteriosa”, no sentido de que nem sempre é visível”. (ELIADE, 1992, p. 48). Os ritos, materializam e estruturam os mitos de uma maneira mais prática, atualizando as narrativas míticas para o presente vivido, mas mantendo a permanência das suas camadas simbólicas.

Os mitos e ritos permeiam a vida em sociedade muito provavelmente desde o tempo do surgimento dos primeiros grupos de seres humanos na Terra. Segundo Karen Armstrong, pesquisadora da Ciência das Religiões, os mitos podem ser vistos como cenários de modelos exemplares para a ação humana, assim como nos estudos da psicanálise:

(...) cada realidade terrena não passa de uma sombra de seu arquétipo, o modelo original do qual é apenas uma cópia imperfeita. Só pela participação nessa vida divina os frágeis e mortais seres humanos realizam seu potencial. Os mitos dão forma e aparência explícita a uma realidade que as pessoas sentem intuitivamente. Eles contam como os deuses se comportam, não por mera curiosidade ou porque os contos são interessantes, mas sim para permitir que homens e mulheres imitem esses seres poderosos e experimentem eles mesmos a divindade. (ARMSTRONG, 2007, p. 12).

Para a pesquisa que estamos propondo, consideraremos, essencialmente, essas perspectivas do conceito de mito aqui apresentadas. Ou seja, o mito não apenas como uma narrativa, um elemento literário, ou um elemento presente especificamente nas sociedades ditas como pré-modernas. Veremos a seguir que, além de modelos originários, ou arquétipos essenciais para o desenvolvimento humanos, as narrativas míticas podem ser verdadeiros sistemas de se explicar o mundo e lidar humanamente com a vida. Essa maneira de se ver o mundo, o que aqui denominamos como experiência mítica, é real, legítima, contemporânea, permeia nossas vidas, está em nós, na sociedade e, conseqüentemente, nas salas de aula.

2.1 O mito como uma forma de aprendizagem do mundo

Antes dos filósofos gregos, dos primeiros historiadores, dos renascentistas, iluministas, positivistas e empiristas, os mitos já existiam. O ser humano dançou, ritualizou e narrou sua compreensão de mundo constituída por outras lógicas, e ainda o faz de várias maneiras no mundo moderno. As explicações míticas e religiosas, configuram as formas primeiras de

explicação do mundo, vivas na experiência e na memória da humanidade desde o surgimento dos primeiros grupos sociais até os dias de hoje. Os mitos sempre tiveram funções práticas, eram orientadores da humanidade, ordenadores sociais, eram os modelos de educação e desenvolvimento humano individuais e coletivos. Muito antes do surgimento da Filosofia, e com ela o uso da Razão (*logos*) para explicar essencialmente a vida, já existiam os mitos e os ritos como sistemas complexos de conhecimento, transmissão de saberes e formas de interpretar o mundo.

Diante dessas afirmações já devemos pensar na possibilidade de ampliação do uso dos mitos em sala de aula, pois, enquanto parte integrante da cultura humana do passado e do presente, não deveriam ser excluídos dos processos educativos e nem mesmo tratados apenas como narrativas que exibem um recorte histórico específico espelhando um contexto. O desafio consiste no fato de que, desde a criação das primeiras escolas no Brasil, foi o modelo europeu racionalista que vigorou na educação. O ensino de história foi delineado a partir da perspectiva do colonizador e de um paradigma científico moderno declaradamente eurocentrista. Nesse paradigma os mitos não possuem um lugar de conhecimento lógico-racional, e passam a ser categorizados como elementos do campo das superstições. O pensamento racional científico que impera no modelo de conhecimento em vigor nos últimos séculos se reflete também no modelo escolar. Segundo Edgar Morin (2000), essa epistemologia não considera a integralidade do ser humano, sua totalidade e sua conexão com o todo. Em “*Os sete saberes necessários à educação do futuro*”, Morin aponta para a complexidade do ser humano, a qual não é acompanhada e nem contemplada pela educação contemporânea.

Assim, o ser humano não só vive de racionalidade e de técnica; ele se desgasta, se entrega, se dedica a danças, transes, mitos, magias, ritos; crê nas virtudes do sacrifício, viveu frequentemente para preparar sua outra vida além da morte. (...) as atividades de jogo, de festas, de ritos não são apenas pausas antes de retomar a vida prática ou o trabalho; as crenças nos deuses e nas ideias não podem ser reduzidas a ilusões ou superstições: possuem raízes que mergulham nas profundezas antropológicas; referem-se ao ser humano em sua natureza (MORIN, 2000, p.58-59).

Além disso, dentro e fora das salas de aula, a palavra mito é comumente reduzida à ficção, o que acaba trazendo a ideia de que deveríamos agir, como educadores, em direção a uma ‘desmitificação’ dos conhecimentos, e é essa a abordagem com a qual não concordamos. Em “*Uma breve história do mito*” Armstrong (2005) evidencia esse processo, no qual, já a partir do século XVI, com o racionalismo e os novos avanços tecnológicos, as narrativas míticas vão, gradativamente, sendo desqualificadas na sociedade moderna. Essa tendência fica mais óbvia

nos séculos subsequentes. Em termos de conhecimento, os mitos passaram a ser vistos como um modo de pensar não-racional, muitas vezes associado particularmente a culturas classificadas como primitivas ou arcaicas, dando a indicação de que as narrativas míticas já foram “superadas” pela narrativa histórica científica, ou ao menos, “deveriam ser”.

Boaventura de Sousa Santos, pesquisador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, vem trabalhando com dois conceitos que indicam um caminho para novos paradigmas possíveis, são eles: “*linha abissal*” e “*ecologia de saberes*”. Para esse teórico, o pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal. Isso quer dizer que existe uma linha imaginária bem definida, e intransponível, que separa o que pode ser considerado conhecimento válido ou não. De um lado dessa linha está fundamentalmente o racionalismo científico (embora ele considere que a Filosofia e a Teologia também foram incluídas do mesmo lado como uma forma de concessão) e do outro lado da linha estão todas as outras formas de racionalidades, saberes tidos como populares, místicos ou tradicionais, como a mitologia. O que ele propõe é a superação dessa limitação que a linha abissal impõe e uma ação contrária à hierarquização de saberes.

O pensamento pós-abissal (...) confronta a monocultura da ciência moderna com uma ecologia de saberes, na medida em que se funda no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer sua autonomia. A ecologia de saberes se baseia na ideia de que o conhecimento é interconhecimento. (SANTOS, 2010, p.85).

Longe de sugerir uma substituição de racionalidades, o que está sendo proposto é um intercâmbio entre diferentes concepções de conhecimento, como o autor mesmo denomina, um interconhecimento.

Assim, num processo de aprendizagem conduzido por uma ecologia de saberes é crucial a comparação entre o conhecimento que está sendo aprendido e o conhecimento que nesse processo é esquecido e desaprendido(...). Na ecologia de saberes, a busca de credibilidade para os conhecimentos não-científicos não implica o descrédito do conhecimento científico. Implica simplesmente a sua utilização contra-hegemônica. (SANTOS, 2010, p. 87).

A linha abissal gera uma ilusão de um paradigma único e a ecologia de saberes, em contrapartida, é o oposto da ideia de monocultura. O foco principal da ecologia dos saberes é validar as diferentes formas que ordenam o social, trazendo regras e valores, e desenvolvem o individual trazendo modelos para ações humanas.

Para uma ecologia de saberes, o conhecimento como intervenção no real — não como representação do real — é a medida do realismo. A credibilidade da construção cognitiva é mensurada pelo tipo de intervenção no mundo que ela proporciona, auxilia ou impede. (SANTOS, 2010, p.88)

O que Santos está destacando é que há diferentes concepções de conhecimento porque há diferentes desafios na vida. Cada contexto específico pode combinar-se melhor com determinado formato de pensamento. Ele exemplifica bem essa ideia a partir do relato que se segue:

Nos anos 1960, os milenares sistemas de irrigação dos campos de arroz da ilha de Bali, na Indonésia, foram substituídos por sistemas científicos promovidos pelos prosélitos da Revolução Verde. Os sistemas tradicionais se baseavam em conhecimentos hidrológicos, agrícolas e religiosos ancestrais e eram administrados por sacerdotes de um templo hindubudista dedicado a Dewi-Danu, a deusa do lago. Foram substituídos precisamente por serem considerados produtos da magia e da superstição, daquilo que foi depreciativamente designado como “culto do arroz”. Só que a substituição teve resultados desastrosos para a cultura do arroz, cuja colheita decresceu drasticamente nos anos subsequentes. Diante disso, os sistemas científicos tiveram de ser abandonados e os sistemas tradicionais restaurados. Esse caso ilustra a importância do princípio da prudência quando lidamos com uma possível complementaridade ou contradição entre diferentes tipos de conhecimento. A suposta incompatibilidade entre dois sistemas de conhecimento (o religioso e o científico) para a realização da mesma intervenção (a irrigação dos campos de arroz) resultou de uma má avaliação (má ciência) provocada precisamente por juízos abstratos, baseados na superioridade abstrata do conhecimento científico. Trinta anos depois da desastrosa intervenção técnico-científica, a modelagem computacional — uma área das novas ciências ou ciências da complexidade — veio demonstrar que as sequências da água geridas pelos sacerdotes da deusa Dewi-Danu eram as mais eficientes possíveis, portanto mais eficientes do que as do sistema científico de irrigação (SANTOS, 2010, pgs. 90 e 91)

É importante destacar que Boaventura de Sousa Santos não trabalha especificamente com a temática dos mitos, seu foco são os processos sociais na América Latina, o pós-colonialismo e colonialismo científico. Mas, como fica evidente no exemplo transcrito acima, suas sugestões sobre a ecologia dos saberes e pensamento pós-abissal se referem também à lógica mítica como forma de conhecimento.

Ao entender o conceito de ecologia de saberes, e pensando sobre o ambiente escolar, me parece possível incluir paradigmas diversos num mesmo espaço, de forma a produzir múltiplos sentidos para a vida humana. A própria rotina escolar é estruturalmente mítica. O professor-mestre, o aluno-aprendiz, a professora-maternal, o diretor-líder, o sino que bate e anuncia inícios e fins, os ritos de passagem ano após ano, a vitória do estudante-herói ao passar no vestibular ou alcançar uma nota na média. O próprio ‘ritual’ diário das etapas de uma aula não seria uma reatualização do mito, nas palavras de Eliade, que aproxima alunos de modelos

exemplares (mestres, professores, diretores, representantes da turma)? Todos esses modelos arquetípicos estão presentes o tempo todo, por isso o mito e o ensino não deveriam estar separados por uma linha abissal.

O filósofo e escritor Ailton Krenak nos traz a perspectiva indígena sobre a problemática dos paradigmas vigentes:

A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história. Agora, no começo do século XXI, algumas colaborações entre pensadores com visões distintas originadas em diferentes culturas possibilitam uma crítica dessa ideia. (KRENAK, 2019, p. 12)

Na tradição indígena, não há uma separação entre mito e história, pois o sentido da vida é buscado na ancestralidade mítica, no passado mítico presente em cada um. Nesse sentido, os mitos são parte fundamental da construção de saberes necessários para a vida no presente.

Para citar o Boaventura de Sousa Santos, a ecologia dos saberes deveria também integrar nossa experiência cotidiana, inspirar nossas escolhas sobre o lugar em que queremos viver, nossa experiência como comunidade. Precisamos ser críticos a essa ideia plasmada de humanidade homogênea na qual há muito tempo o consumo tomou o lugar daquilo que antes era cidadania. (KRENAK, 2019, p. 17)

Na mesma linha da ecologia de saberes, o professor Renato Noguera, que atua como Pesquisador do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (LEAFRO) e do Laboratório Práxis Filosófica de Análise e Produção de Recursos Didáticos e Paradidáticos para o Ensino de Filosofia da UFRJ, discute sobre dois conceitos interessantes para trabalhar mitos afro-ameríndios. O primeiro é a afroperspectiva, que assim como na ecologia de saberes, evidencia outras formas de se produzir conhecimento:

Os termos “centro” e “afrocentrado”, as expressões “estar centrada” ou “ser uma pessoa afrocentrada”, dizem respeito às perspectivas de localização dentro de suas próprias referências históricas e culturais, sem nenhum desmerecimento’ às outras. Mas, evitando a marginalização ou invisibilização de sua própria trajetória histórica e cultural e, por conseguinte, todas as consequências negativas de não se reconhecer no projeto civilizatório e de produção de saberes ao longo da história da humanidade. (NOGUERA, 2010, pg. 03)

Nogueira também defende a ideia de Pluriversalidade⁴ de visões de mundo no Ensino e na academia. Ao contrário da ideia de Universalidade, que para ele, difunde uma visão única e hegemônica de conhecimento eurocentrado, o conceito de Pluriversalidade dialoga muito bem com o conceito de Ecologia de Saberes, já apresentado acima, pois são ideias que integram ‘universos’, formas de interpretar a realidade, que coexistem. O intuito desse trabalho, portanto, é trazer para as aulas de história a Ecologia de Saberes e a Pluriversalidade através das concepções de construção de conhecimento presentes de diferentes formas e alcances na diversidade da mitologia.

2.2 Os mitos, as memórias e histórias

Para o historiador egiptólogo alemão Jan Assmann os mitos compõem parte da memória coletiva, mais especificamente de um estrato dela, que ele denomina memória cultural:

A memória cultural é um tipo de instituição. Ela é exteriorizada, objetivada e armazenada em formas simbólicas que, diferentemente dos sons de palavras ou da visão de gestos, são estáveis e transcendentem à situação: elas podem ser transferidas de uma situação a outra e transmitidas de uma geração a outra. (ASSMANN, 2008, pg.118)

Diferente da memória comunicativa, que seria o objeto da História Oral, desenvolvida a partir de um passado recente (biografias, autobiografias e entrevistas), que na visão do autor, alcança o tempo de uma geração, 80 a 100 anos. Já a memória cultural preserva um passado remoto, através da história e dos mitos, que aqui possuem o mesmo valor e objetivos. Vejamos como esse teórico relaciona a memória cultural ao conceito de consciência histórica e identidade:

A memória cultural é baseada em pontos fixos no passado. Até mesmo na memória cultural o passado não é preservado como tal, mas está presente em símbolos que são representados em mitos orais ou em escritos, que são reencenados em festas e que estão continuamente iluminando um presente em mudança. No contexto da memória cultural, a distinção entre mito e história desaparece. Não é o passado como tal, como é investigado e reconstruído por arqueólogos e historiadores, que conta para a memória cultural, mas apenas o passado tal como ele é lembrado. Aqui, no contexto da memória cultural, é o horizonte temporal da memória cultural que é importante. A memória cultural alcança no tempo pretérito somente até o passado que pode ser reclamado como “nosso”. É por isso que nos referimos a essa forma de consciência histórica como “memória” e não apenas como conhecimento sobre o passado. O

4 Discussão em entrevista apresentada em <https://www.youtube.com/watch?v=S7f0bKmrMk>

conhecimento sobre o passado adquire as propriedades e funções da memória somente se ele é relacionado a um conceito de identidade. (ASSMANN, 2008, pg. 121)

A ideia de mito como componente da memória cultural se assemelha com o que o professor de mitologia Marcos Ferreira dos Santos, e divulgador da mitohermenêutica, ao qual voltaremos mais tarde, denomina de cultura imaterial. “O patrimônio cultural imaterial de uma nação engloba todas as formas tradicionais e populares de cultura transmitidas oralmente ou por gestos, que com o passar do tempo são modificadas pelo processo de recriação coletiva”. (FERREIRA-SANTOS, 2004, p.141). Esse pesquisador trabalha com uma concepção processual de cultura considerando o humano como um ser criador (não apenas reproduzidor), e que comunica, transmite suas criações ao outro, às novas gerações. Faço um paralelo aqui com a ideia de Assman, citada acima, na qual a memória cultural alcança, no passado, o que pode ser reclamado como “nosso” e passado de geração em geração.

Se eu posso transmitir isso que foi criado, num outro processo que seria característico dessa concepção processual de cultura, é a possibilidade de eu me apropriar de algo existente, daquilo que foi criado e me foi transmitido. Tornar meu, não somente aquilo que foi produzido pela minha cultura, mas apropriar-se também daquilo que é criado e transmitido pelas várias culturas. (FERREIRA-SANTOS, 2004, p.141)

Na memória cultural, ou cultura imaterial, é fundamental o papel social do que Assmann chama de os interlocutores especializados, como: os sacerdotes, anciões, xamãs, *griots*, mestres e professores (ASSMANN, 2008). São essas figuras sociais que assumem a responsabilidade de transmitir a memória cultural de seu povo, e o fazem geralmente através de uma linguagem cerimonial e ritualística. Ao incluir a figura do professor, Assmann nos faz pensar sobre o papel que os educadores de sala de aula assumem, não só na formação intelectual e social dos alunos, mas também no seu desenvolvimento pessoal identitário. Para além disso, se somos todos criadores (FERREIRA-SANTOS, 2004), em algum momento todos nós assumimos esses papéis (poderia se dizer arquétipos), contando e recontando histórias que habitam nossa memória coletiva, inconsciente coletivo e nossa ancestralidade.

Jacy Alves Seixas revela uma importante discussão sobre a relação entre memória e História dentro da própria historiografia. Problematiza autores que tratam dos estudos da memória como Maurice Halbwachs e Pierre Nora, e conclui, que em maior ou menor grau, a ideia que se propaga é que a História é a “senhora” da memória. Que toda memória é uma (re)construção voluntária e pretende enfatizar algum aspecto do presente definido nas esferas de poder. No entanto, ela traz um novo prisma que aponta para as particularidades da memória,

que ao meu ver, se relaciona com a concepção de uma memória cultural viva e autônoma de Assmann:

Se nos interrogarmos sobre o que, enfim, a insistência historiográfica exclusiva na memória voluntária está deixando de lado, uma reflexão nova pode se desvelar, apontando, então, aspectos até agora pouco considerados: a dimensão afetiva e descontínua das experiências humanas, sociais e políticas; a função criativa inscrita na memória de atualização do passado lançando-se em direção a um futuro, que se reinveste dessa forma de roda a carga afetiva atribuída comumente às utopias e aos mitos. Em poucas palavras: se buscamos refletir sobre as relações entre memória e história, penso ser necessário iluminar a memória também a partir de seus próprios refletores e prismas; necessário, portanto incorporar tanto o papel desenvolvido pela afetividade e sensibilidade na história quanto o da memória involuntária. Necessário, igualmente atentarmos para o movimento próprio à memória humana, ou seja, o tempo-espaço no qual ela se move e o decorrente caráter de atualização inscrito em todo percurso de memória. (SEIXAS, 2001, p. 44 e 45)

Para reforçar seu argumento, a autora traz o ponto de vista de Marcel Proust e Henri Bergson, dois teóricos que concordam na autonomia de uma memória em relação à História, até então entendida como convocadora de uma memória voluntária. Os dois destacam a existência e o valor da memória involuntária, aquela que simplesmente existe, e convive concomitantemente com a memória “convocada” na historiografia, porém é praticamente negada por ela:

Parece existir uma eleição, se não uma “afinidade eletiva”, no campo historiográfico, no que concerne ao trânsito memória e história: a historiografia elegeu a memória voluntária, desqualificando a memória involuntária tida como constitutiva de um terreno de irracionalismo(s), e por essa razão, avessa à história. (SEIXAS, 2001, pg. 48)

No entanto, Seixas também ressalta que algumas linhas de pesquisa, entre elas a que trazemos aqui, estão atentas a essa memória “esquecida” pela História e procurando considerá-la em suas análises.

Ora, a dimensão afetiva e descontínua relegada pela memória voluntária é a dimensão exilada que parte das ciências humanas tem buscado precisamente integrar, com os estudos dos mitos, das sensibilidades e paixões políticas, da imaginação e do imaginário na história. (SEIXAS, 2001, pg. 48)

As narrativas míticas, sejam compreendidas como componentes da memória coletiva/cultural de Assmann, ou da memória involuntária discutida por Seixas, ou como uma lógica separada pelo pensamento abissal de Santos, são certamente hoje desconsideradas em seu potencial pela História e pelo campo do Ensino de História.

Os mitos nunca deixaram de existir, tomaram novos enredos, novas roupagens, foram inseridos em novos cenários, mas perduraram até os dias de hoje. Estão presentes nos cultos, nas festas, rituais, sistemas políticos, religiões, e também dentro da escola, sendo esta, um espaço sociocultural por excelência, marcado por símbolos, culturas e valores diversos. Todos nós certamente entramos em contato com os mitos, de alguma forma, desde a nossa infância, seja através das histórias infantis, contos de fadas, canções de ninar ou orações ensinadas no âmbito familiar.

Os mitos fazem parte do nosso cotidiano, do nosso imaginário, da nossa memória, ancestralidade, da nossa maneira de ver o mundo e da maneira de nos relacionar com as pessoas. Sendo assim, e considerando os referenciais teóricos apresentados, ressalto aqui a importância de entender os mitos, no campo do Ensino da História, como parte integrante da humanidade e dos tempos passado e presente, o que gera a necessidade, de como educadora, pensá-los e tratá-los de forma criativa, como elementos fundamentais do processo de desenvolvimento integral dos estudantes. Para isso adotamos aqui o mito, não como sinônimo de uma não verdade, oposta à cientificidade da História; pelo contrário, consideramos mito e ciência como racionalidades que, embora pareçam diferentes, podem ser complementares no processo de desenvolvimento e aprendizagem no ambiente escolar.

Em um primeiro momento, pode se ter a impressão de que o referencial teórico dessa pesquisa é muito diverso, composto por autores de épocas e campos muito diferentes. Trazemos historiadores, cientistas das religiões, psicanálise, filósofos, sociólogos. No entanto, acreditamos que diante da temática do mito, conceito esse com múltiplas significações, e que na maioria das vezes, é empregado justamente com o sentido de mentira, fantasia ou religiões mortas, se faz necessário um diálogo amplo, que está sendo costurado pouco a pouco, com contribuições de diversas épocas e áreas diferentes. A compreensão de mito como o entendemos nessa pesquisa, respeitando e aplicando a ecologia de saberes e pluriversalidade, se fundamenta justamente pelo seu caráter interdisciplinar e atemporal, o que torna esse diálogo múltiplo possível e enriquecedor.

3 MITOHERMENÊUTICA: uma possibilidade de desenvolvimento nas aulas de história

Partindo da minha própria experiência como professora da educação básica, ao levar as narrativas míticas para o ambiente escolar, e testemunhando a maneira como isso tocava os estudantes, e a mim mesma, busquei fazer uma leitura mais ampla do que eu percebi nesses processos educativos. No projeto ‘Contaçon de mitos greco-romanos’ a construçon dos bonecos e dos gibis, passando por uma áurea artística e criativa, assim como na construçon dos cenários dos mitos indígenas brasileiros, atividades pedagógicas mencionadas na introduçon dessa pesquisa, ficou claro que essas produções materiais intermediaram a aprendizagem de uma forma significativa, de uma maneira muito mais perene, uma experiência que não é facilmente esquecida. Por muitas vezes, e por intervalos de anos de distância, reencontrei ex-alunos na escola, ou em outros lugares da cidade, e escutei eles me dizerem que o que eles nunca esqueceram da disciplina de história foram as “aulas dos mitos” ou a construçon dos bonecos. Ademais, eu mesma me questionava sobre a profundidade alcançada nessa experiência coletiva, e ao mesmo tempo individual, em mim e em todos os alunos que passaram por ela. A verdade é que a resposta a esse questionamento não é algo que pode ser lido, quantificado ou esquematizado. No entanto, tentando traspôr essa experiência para algo que possa ser repetido em outras oportunidades na escola, e melhor explorada na educação, me pergunto como transformar essa experiência em algo que possa ser encarado como um método? Como transformar um evento tão prático, e ao mesmo tempo sensível, em algo que possa ser reaplicado de outras formas ou em outros modelos? Acredito que a ideia da **mitohermenêutica**, do professor/pesquisador Marcos Ferreira dos Santos, e coordenador do *Lab_Arte – laboratório experimental de arte-educação e cultura* da USP, colabora muito ao tentar responder a essas perguntas.

3.1 Entendendo a mitohermenêutica: a jornada interpretativa

Para início de conversa, e para reiterar nossa compreensão sobre o termo, transcrevo nas palavras do autor do conceito mitohermenêutica sua concepção e seu referencial teórico sobre como ele entende o termo mito:

Aqui o entendemos a partir do grego *mythós*: “aquilo que se relata”, para sinalizar a diferença da concepção aqui adotada, como narrativa dinâmica (G. Durand) de imagens e símbolos que orientam a ação na articulação do passado (*arché*) e do presente em direção ao futuro (*télos*), isto é, num *pro-jectum* existencial a ser vivido.

(M. Eliade e G. Gusdorf). O sentido mais difundido de “mito” como algo ilusório, fantasioso, falacioso, resultado de um “má” consciência das coisas e das “leis” científicas, aqui, é descartado. Daí a importância também das metáforas, como *metaphoros*, a figura de linguagem que vai além (*meta*) do sentido usual (*phoro*) das palavras, um além-sentido que impregna a imagem e explode a sua semântica transportando os significados em sentidos diferentes. (FERREIRA-SANTOS, 2008, p.7)

Ao se tratar de mitologia, e pelo que entendo do trabalho desse professor, para muito além dela, diferente de uma técnica de interpretação, o que esse pesquisador sugere é uma jornada de interpretação, cujo ponto de partida seja o próprio “interpretante”.

Esta mitohermenêutica, na reflexão sobre a educação, se debruça sobre a interpretação das obras das artes e das culturas, mas, principalmente, situa a compreensão de si mesmo como ponto de partida, meio e fim de toda jornada interpretativa. Portanto, não se trata de uma simples técnica de interpretação, mas uma jornada interpretativa em que o hermenauta se instala na paisagem cultural das obras com que trabalha, viaja ao seu interior e reconstrói os sentidos de tal imersão. (FERREIRA-SANTOS, 2005, p. 216)

Na transcrição de uma de suas palestras na USP, ele assim define:

E dentre as várias escolas de interpretação (...) me situo no esteio de uma hermenêutica simbólica, mais precisamente, na mitohermenêutica, que pode ser entendida como uma jornada interpretativa, de cunho antropológico, que busca o sentido da existência humana nas obras da cultura e das artes, através dos símbolos e imagens organizados em suas narrativas. (FERREIRA-SANTOS, 2004. p. 144)

Nesse sentido, e fazendo uma reflexão sobre minha própria jornada ao ler, escolher, interpretar, contar, recontar e “recriar” as narrativas míticas que apresento em formato de *podcast* no final desse trabalho, o contato com os mitos é sempre um diálogo constante entre o ‘eu’, do momento presente, e de todos os elementos sociais, culturais e históricos que o compõe, com a cultura imaterial ancestral mítica (ou memória cultural de Assman). Essa é uma perspectiva complexa que articula o micro-social com o macro-social, mediada pelos processos simbólicos do fenômeno cultural. (FERREIRA-SANTOS, 2004)

A mitohermenêutica portanto, pode ser entendida como uma escola de interpretação, um caminho para a compreensão de si, do outro e da existência humana. Mas também é uma epistemologia, um suporte para pesquisadores e educadores.

Para além de uma crítica de tipo literário, a mitohermenêutica, então, torna-se prática epistemológica e ontológica, de busca de sentido para a existência no diálogo profundo entre os percursos formativos, as histórias de vida, pessoais e coletivas, e as narrativas míticas. (FERREIRA-SANTOS, 2008, p.7)

Esse professor/pesquisador vem propondo novas metodologias no campo da Educação, principalmente ligadas à mitologia afro-ameríndia, e estreitamente relacionadas ao campo da arte (FERREIRA-SANTOS, 2017). Ele sugere, e coloca em prática, atividades didáticas nas quais a experiência do aprendizado se dá por outros caminhos menos racionalizados, ou seja, as narrativas míticas associadas à arte, dança, artesanato e música para construir conhecimentos diversos na educação. Ele trabalha muito com a ideia da ancestralidade presente nas narrativas míticas afro-ameríndias, relacionando o hermenêuta/estudante com aquele que se identifica de maneira sensível com os personagens e enredos. Nas palavras do autor, ao pensar a mitohermenêutica para uma educação de sensibilidade⁵, ele a define:

Portanto, não se trata de nenhum modismo ou nova metodologia salvadora, mas, tão-somente, de um diálogo com experiências mais ancestrais que o âmbito ocidental-iluminista de nossa educação escolarizante, na construção social de seu esquecimento, legou ao preconceituoso baú das práticas primitivas e/ou exóticas. (FERREIRA-SANTOS, 2008, p.3)

Recentemente pude ler a dissertação de mestrado **Dados & Devaneios: RPG como metodologia de Ensino de História** do professor/pesquisador e, também meu colega no Profhistória da UFSC, Matheus Fernando Silveira, que foi finalizada e apresentada ainda esse ano.⁶ Sincronicamente, realizamos juntos uma disciplina no percorrer dos nossos mestrados, o que possibilitou que nos conhecêssemos, mesmo que de forma remota e virtual, já que somos alunos ingressos na UFSC em anos diferentes e também de “tempos pandêmicos”. A disciplina que realizamos juntos, oferecida pelo programa do Profhistória da UFB, foi a de **Mito e Ensino de História** e, como não poderia ser diferente, nos proporcionou muitas leituras, debates e boas reflexões. Além disso, compartilhamos também o prazer de estarmos sob a mesma orientação em nossas pesquisas de mestrado no Profhistória da UFSC, qual seja, da professora Aline Dias da Silveira.

A pesquisa desse colega também se amparou, em parte, na mitohermenêutica, ao relacionar o jogo de RPG com uma jornada mítica, e ao pensar esse tipo de jogo como um meio

5 No artigo intitulado **Espaços crepusculares: poesia, mitohermenêutica e educação de sensibilidade**, o pesquisador faz uso de uma metáfora, associando o processo de educação mitohermenêutica e os momentos transitórios de um dia como o “entardecer”, “amanhecer” e o “crepúsculo”, relacionando seus pensamentos também com os poemas de Pablo Neruda. Disponível em:

https://arquivos.cruzeiroseducacional.edu.br/principal/old/revista_educacao/pdf/volume_1/art10marcos.pdf

6 A defesa da tese de mestrado de Matheus Fernando Silveira pode ser vista em

<https://www.youtube.com/watch?v=8A3kJI391BQ>

de aprendizagem em história. Como no RPG o jogador/estudante vive um personagem em outro tempo/espaço, similar ao tempo mítico, ele vivencia o “rito do jogar”, percorrendo uma jornada interpretativa, uma experiência sensível. Um dos enfoques desse trabalho, que mais me chamou a atenção, foi a reflexão sobre o tempo mítico, ou melhor, essa experiência diversa do tempo histórico, uma experiência “em outros tempos”, para a qual os mitos e ritos nos conduzem. O autor trabalha o conceito da transtemporalidade como elemento constitutivo das narrativas míticas:

Se os mitos refratam a própria existência humana, tem também projeções de temporalidades diferentes. Assim, a transtemporalidade é diferente de uma atemporalidade, uma expressão bastante utilizada em leituras mais superficiais de autores que trabalham com mitos e símbolos. Isso porque pressupor algo “sem temporalidade”, ou “eterno”, é cair na fixação de significados dos mitos, sem levar em consideração as circunstâncias próprias que o compõe (simbólicas e sociohistóricas). Me parece inequívoca a transtemporalidade e a transculturalidade dos mitos nas diversas civilizações que se encontram, ao longo do tempo e do espaço. (SILVEIRA, 2021, p. 107)

Ao refletir sobre a dificuldade da História, e por conseqüente, nossa dificuldade como professores da disciplina, de assimilar outros tempos que não os exatamente datados, numerados, estruturados em períodos, que antecedem ou sucedem uns aos outros, o autor nos diz:

Pensemos então em como mitigar essa aparente contradição. Se, para a análise psicanalítica, signos e símbolos conseguem transcender diferenças socioculturais no espaço-tempo e possuem alcance pretensamente universal (na literatura, tradições orais, etc.), temos que, para os historiadores, afirmar isso seria extremamente complexo, pois é notória nossa dificuldade em trabalhar com longuíssimas durações ou com fatos históricos repetíveis. Para o professor de história, por outro lado, evocar sentimentos e sensações acessíveis aos estudantes pelo simbólico pode tornar possível a compreensão de alguns elementos de uma época para o qual, muitas vezes, o aluno não tem qualquer referência (...). E como isso é tornado possível? Pela humanidade onipresente no tempo histórico: o ser humano. Por um lado, os sentimentos e simbolismos evocados em narrativas míticas/de jogos de RPG - medo, desejo, paixão, vida, morte, redenção – são noções arquetípicas humanas, acessíveis em qualquer temporalidade espacial, ainda, é claro, que suas significações socioculturais destoem no espaço-tempo. (SILVEIRA, 2021, p.104)

Aqui, portanto, é válido mencionar que o trabalho com os mitos, além de proporcionar o contato com os modelos primordiais, trazer exemplos da cultura imaterial universal, e ao mesmo tempo ligados a povos específicos, apresentar diferentes concepções de leitura e entendimento de mundo, também promove a experiência em um tempo diverso do histórico,

diferente do cronológico, talvez a experiência do tempo sagrado⁷, transtemporal, que se faz possível pelo que há de “humano” em todos nós e no rito que acompanha o contar e ouvir a narração de um mito.

3.2 Escolhendo a mitologia afro-ameríndia

Para iniciar esse tópico da pesquisa é importante destacar que o uso do termo “*afro-ameríndio*” é uma escolha emprestada do mesmo professor/pesquisador Marcos Ferreira dos Santos, portanto um termo que, apesar de gerar algumas ressalvas, aqui, faz muito sentido, na medida em que ele está apenas identificando a origem étnica dos mitos com os quais optei em trabalhar, sem conotar que esses mitos se tratem exatamente de uma mesma coisa. A intenção da caracterização afro-ameríndia não é desconsiderar as especificidades socioculturais das narrativas e sim de sinalizar de forma sintética, de quais arcabouços culturais esses mitos partiram. Reitero também, que essa pesquisa não tem como objetivo específico o ensino indígena e nem o ensino afrocentrado, mas sim a ampliação das possibilidades do uso de mitos diversos no ensino regular, aplicáveis inclusive nas mais variadas localidades brasileiras e também nas diferentes faixas etárias da educação básica. Feitas essas observações, passo a comunicar, de maneira mais detalhada, as razões pelas quais escolhi as narrativas de origem iorubá e indígena.

Como já mencionado, ao destacar estudos ligados à psicologia, antropologia e ciência das religiões, mitos de origens diferentes, de espaços e tempos diversos, indicam ao seu modo, uma mesma linguagem basal. Sendo assim, variadas narrativas míticas, ao serem usadas na sala de aula, possuem o potencial de alcançar a complexa mente humana em diferentes níveis, proporcionando avanços no conhecimento escolar, conhecimento da cultura histórica e também no desenvolvimento integral dos alunos. No entanto, ao ingressar no mestrado e começar a participar das disciplinas do currículo do curso, tive contato com os novos debates, reflexões e questionamentos que a academia nos proporciona, e a partir de então, senti a necessidade de ampliar o uso da mitologia para além do eixo “greco-romano”, buscando justamente colaborar qualitativamente com inovações no campo do ensino da História.

⁷ O conceito de *tempo sagrado* nas narrativas míticas, indiretamente incorporado nessa pesquisa, encontra-se melhor explorado em: ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

Nessa pesquisa, portanto, optei por trabalhar a partir de narrativas míticas afro-brasileiras e indígenas. Essa escolha reflete a intenção de transbordar o pensamento eurocêntrico colonial, o pensamento abissal e universalista, que não considera, em sua amplitude, as memórias culturais e involuntárias, ou seja, o propósito é superar, em certa medida, o pensamento monocultural, no qual a sociedade greco-romana é tida como “berço da civilização”. Afinal, de que civilização se está falando? Como essa ideia de civilização se apresenta nas salas de aula da sociedade brasileira? A meu ver, a composição de uma sala de aula é um espelho que reflete toda a pluralidade social, psíquica, cognitiva e sensorial que existe no mundo. Ao se tratar de mitos, pensar apenas na mitologia greco-romana como abordagem possível nas aulas de História, elemento comum nos currículos dos sextos anos do Ensino fundamental, por exemplo, é corroborar com uma visão única sobre a vida.

A opção por narrativas afro-ameríndias também deriva do próprio caminho percorrido por mim, através da autoavaliação do meu fazer pedagógico como professora de História, entendendo que o conteúdo só faz algum sentido na medida em que realmente aproxima as experiências e vivências e diminui o estranhamento em relação ao que é proveniente de outras culturas. Ou seja, é uma decisão que aprimora inclusive minha prática como professora e educadora dos últimos anos, que apesar de me levar à riqueza do trabalho pedagógico através da mitologia, contemplava apenas a perspectiva greco-romana e excluía, na maior parte do tempo, a diversidade da mitologia brasileira.

Acredito também que a temática, abordando mitos de origem ioruba e indígena, contribui efetivamente com a luta contra preconceitos raciais, étnicos e religiosos. Falar de Orixás, tambores, forças da Natureza, divindades indígenas, não é algo comum nas salas de aula, porém deveria ser, pois é comum em vários outros espaços sociais e de convívio fora da escola. Trazer essas categorias para a educação é diminuir o estranhamento, o distanciamento entre o que se passa fora e dentro da sala de aula. Atualmente, a temática indígena no nosso país, por exemplo, tem sido pauta de discussões muito presentes, dado o cenário político que se apresenta.⁸ Diariamente se fala sobre os povos indígenas do Brasil, sobre a exclusão e marginalização desses grupos sociais. Assim como, questões sobre racismo, sobre o movimento negro e sobre diversidade religiosa também são temas comuns nos noticiários e redes sociais. Acreditamos que conhecer as narrativas míticas desses grupos são formas de conhecer mais

⁸ Nos meses de agosto e setembro do ano de 2020 o Supremo Tribunal Federal (STF) começou a julgar se demarcações de terras indígenas devem seguir o chamado "marco temporal". Por esse critério, indígenas só podem reivindicar a demarcação de terras que já eram ocupadas por eles antes da data de promulgação da Constituição de 1988. Esse tema vem sendo largamente divulgado na mídia nacional.

sobre eles através de suas próprias histórias e incentivar o respeito ao outro, ao diferente, à diversidade.

O que se pretende aqui é que os estudantes possam se identificar, se inspirar e se reconhecer não só em personagens como Zeus e Afrodite, mas sim também em personagens míticos como Iansã e Oxum. Que suas jornadas pessoais na escola, e fora dela, sejam reforçadas não só pelas jornadas dos heróis como Hércules, mas sim por jornadas com outras trajetórias, como a da menina indígena Mani. Que os modelos exemplares arquetípicos, presentes nas narrativas míticas, possam ser os mais variados possíveis, ampliando também o contato com outros modos de interagir com a vida.

3.3 Mito: uma tradição oral

Como já vimos anteriormente, as narrativas míticas, assim aqui abordadas, são formas de ordenar conhecimentos e dar sentido à vida, constituintes de uma memória coletiva, patrimônio cultural imaterial da humanidade. Nessa concepção, os mitos são frutos, principalmente, da tradição oral. Destacadamente, nas tradições dos povos originários a palavra dita tem um grande valor. Davi Kopenawa, escritor indígena da etnia Yanomami, explica dessa forma a importância da palavra para os indígenas:

Os brancos se dizem inteligentes. Não o somos menos. Nossos pensamentos se expandem em todas as direções e nossas palavras são antigas e muitas. Elas vêm de nossos antepassados. Porém, não precisamos como os brancos de peles de imagem para impedi-las de fugir da nossa mente. Não temos de desenhá-las como eles fazem com as suas. Nem por isso elas vão desaparecer pois ficam gravadas dentro de nós. Por isso nossa memória é longa e forte. (KOPENAWA, 2015, pg.75)

Da mesma forma o escritor malinês Amadou Hampâté Bâ, considerado mestre da tradição oral africana, no artigo intitulado “*A Tradição viva*”, também destaca o valor da palavra dita:

É, pois, nas sociedades orais que não apenas a função da memória é mais desenvolvida, mas também a ligação entre o homem e a Palavra é mais forte. Lá, onde não existe a escrita, o homem está ligado a palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é. A própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra. (BÂ, pg. 182)

Nesse ponto, gostaria de mencionar os escritos de Walter Benjamin sobre a questão da narrativa oral. Embora esse teórico venha de um contexto completamente diferente dos mencionados acima, seus estudos sobre a experiência e as narrativas orais são muito divulgados até os dias atuais. Para ele, a narrativa dos contadores de história é uma forma autêntica e verdadeira de transmissão da experiência dos mais velhos para os mais novos. Uma forma de passar ensinamentos, sabedoria e conselhos. O que ele chama de experiência comunicável. Ele nos diz que a verdadeira narrativa:

Ela tem sempre em si, as vezes de forma latente, uma dimensão do utilitário. Essa utilidade pode consistir num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. (BENJAMIN, 1987, p. 200)

Benjamin citou como exemplos dessas narrativas as crônicas medievais, os poemas épicos, lendas e os contos de fadas. Ele faz, em certa medida, uma diferenciação entre contos de fadas e mitos, como se aqueles fossem a superação desses, como se os contos de fadas aprimorassem os mitos. Contudo, a narrativa mítica, como a entendemos nessa pesquisa, está inclusive estruturalmente presente nos contos de fadas. Meus próprios alunos, em sala de aula, ao ouvirem o mito de Eros e Psiquê, lembravam da história da Bela e a Fera, ou lembravam da fada madrinha má da Bela Adormecida ao ouvirem sobre a invasão de Éris, deusa grega da discórdia, na festa de casamento de Tétis e Peleus. O que seria a personagem do príncipe destemido salvador de sua donzela se não uma jornada mítica do herói? Consideramos aqui os contos de fadas como “roupagens” diferentes para os mesmos modelos simbólicos presentes nos mitos, e por isso, a relevância do ponto de vista de Benjamin sobre a importância do contador de histórias para esse trabalho.

Outro conceito importante de Walter Benjamin é o da experiência. Ele argumenta sobre a importância do coletivo na transformação da vivência, que é algo individual, em experiência que é algo coletivo. Para ele, a humanidade contemporânea, imersa na tecnicidade, se afastou da verdadeira experiência vivida nas sociedades pré-capitalistas. Os estudos de Benjamin, focados principalmente nas obras de arte, defendem que quando a arte era ritualística ligada ao culto e a tradição, ela mantinha sua áurea, fruto de uma experiência verdadeira. O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros, E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. (BENJAMIN, 1987)

Como todo rito é acompanhado de mito, toda narrativa mítica é também um ritual de transmissão e identificação de saberes. Nesse sentido, a narrativa mítica também proporciona

uma experiência verdadeira. A “contação de histórias”, a forma primeira de educar, da qual o mito e a experiência mítica, são partes essenciais, é um meio de troca genuína de experiências em uma época em que a velocidade das informações e dos acontecimentos e a ruptura dos laços comunitários empobrece os indivíduos no âmbito da experiência descrita por Walter Benjamin.

Pela minha experiência nas atividades pedagógicas com os mitos, o momento da “contação” sempre foi um tanto quanto mágico, no qual o elemento ritualístico sempre se fez, quase que naturalmente, presente. As palavras ditas, o tom da voz, a ênfase nas entonações, somadas aos olhares atentos dos alunos, suas reações e expressões sempre me indicavam esse “encantamento” sensível da mitologia sobre as pessoas e, qualitativamente, estreitava-se minha relação com os alunos.

Contudo, a maior parte da pesquisa aqui apresentada foi realizada nos dois anos de isolamento social por consequência do contágio do COVID 19, durante os quais, meu contato com os alunos foi praticamente inexistente. Pensando em uma alternativa para desenvolver o tema dos mitos nas aulas de história em “tempos de pandemia” e manter, minimamente a oralidade em sua estrutura, optei pela ferramenta dos *podcasts*. *Podcasts* consistem, essencialmente, em gravações de áudio que podem ser reproduzidas diversas vezes. A opção por apresentar os mitos através de *podcasts* parte do princípio de que narrativas míticas, fundamentalmente as afro-ameríndias, sempre foram, e são até hoje, difundidas pela tradição oral. A ideia é que os *podcasts*, da maneira como os elaborei, com inserção de músicas, efeitos sonoros e vozes variadas, mantivessem essa “aura” da contação de histórias em roda, pelo menos em uma certa medida imaginativa. Ao ouvir os *podcasts*, gostaria que eles gerassem essas sensações de estar na Natureza, em volta de uma fogueira, remetendo a histórias contadas pelos mais velhos para as gerações mais novas, ancoradas na valorização da ancestralidade.

4 O MITO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA: roteiros dos *podcasts* “Contos da terra” e as atividades sugeridas

Nesse capítulo apresento o material, com fins pedagógicos, resultante da pesquisa realizada nos últimos dois anos. Foram criados 4 *podcasts* com narrativas míticas, sendo duas de origem iorubá, uma da etnia indígena guarani e uma da etnia indígena bororo. Acompanhando os *podcasts*, sugiro uma série de atividades possíveis de serem trabalhadas em ambiente escolar ou de forma remota, em um modelo de ensino a distância, por exemplo. Gostaria de registrar aqui que, durante todo processo de criação dos áudios, minhas releituras e interpretações, a arte e criatividade envolvida, tive constantemente como pano de fundo mental a mitohermenêutica, no sentido de tomar consciência, a todo momento, como os mitos iam se incorporando na minha vida vivida. Além disso, ao planejar as atividades, busquei criar possibilidades pedagógicas que proporcionassem conhecimento histórico escolar e que, concomitantemente, viessem de encontro, em algum nível, com a mitohermênica, incluindo sugestões como: desenhos, pinturas, releituras, criação de textos, de roteiros e peças teatrais, de *podcasts*, degustações, produção de maquetes, cenários, poesia. Pensando também no conceito de uma educação mais sensível, conectada ao que é inerente ao ser humano e o que pode possibilitar o encontro com a identidade individual do aluno.

É desta herança sensível que os apontamentos de uma educação de sensibilidade reafirmam a importância das estruturas de serem possibilitadas pelos vários sentidos (visual, tátil, auditivo, olfativo, gustativo, cinestésico, vibratório, sincrônico, etc...) como forma de diálogo com instâncias mais primevas de nossa psique. (FERREIRA-SANTOS, 2007, p.07)

Todo material produzido está disponibilizado em um ambiente virtual, de livre acesso, no qual os professores podem encontrar as gravações das narrativas, o que eu chamei de **audioteca de *podcasts***, as atividades, com dicas e sugestões relacionadas a cada uma delas, um texto de apresentação da proposta e um texto de apresentação da professora autora.

Link de acesso à audioteca Contos da Terra:

<https://podcastscontosdate.wixsite.com/contosdaterra>.

Passo a transcrever aqui os roteiros dos *podcasts* e as sugestões de atividades pedagógicas acima mencionadas:

4.1 PODCAST 01: Iansã Borboleta

Iansã, também conhecida como Oyá, é a divindade guerreira das tempestades e furacões. É uma orixá que tem poder sobre o fogo e sobre o vento. É também uma das companheiras de Xangô. Xangô, por sua vez, é o orixá da justiça, forte guerreiro que controla os raios e trovões e solta fogo pela boca. À primeira vista, nos parece um casal perfeito não é mesmo? No entanto, tanto Iansã quanto Xangô possuem temperamentos fortes, são guerreiros em sua essência, e por isso brigavam constantemente. Você consegue imaginar uma discussão calorosa entre duas divindades que possuem poder sobre tempestades, raios, trovões e sobre o fogo? Realmente quando esses dois se enfrentavam o mundo todo poderia ficar em perigo.

Certa vez, Iansã, que não leva desaforo para casa, andava em pé de guerra com o grande Rei Xangô, pois há tempos, este procurava diversão fora dos limites de seu palácio. Quando Iansã saía do sério, se transformava num enorme búfalo, com seus chifres e coices quebrava e destruía tudo ao seu redor, no entanto, de nada adiantava, pois Xangô era tão forte que a dominava. Sendo assim, Iansã começou a pensar numa forma de vencer de uma vez por todas suas brigas com Xangô. Então resolveu pedir a ajuda a um outro Orixá, Exu.

- Exu, meu amigo, por favor me ajude. Não aguento mais as brigas com Xangô! Quero uma poção que faça com que nunca mais seja dominada por ele.

Exu é o orixá mensageiro, um grande e esperto brincalhão, mas também um grande conhecedor de feitiços e poções mágicas. Então ele disse a Iansã:

- Iansã, minha querida Oyá, vá até a floresta e colha um punhado das ervas que te descrevo, assim que terminar a tarefa, traga tudo para mim.

Assim Iansã fez. Exu preparou uma poderosa poção e mandou que Iansã tomasse. Imediatamente o encantamento fez efeito e Iansã se transformou em uma linda borboleta!

Xangô ficou enfurecido e revoltado soltando raios e trovões com o desaparecimento de sua indomável esposa, enquanto ela, em sua forma de borboleta, observava tranquilamente tudo lá do alto.

Assim que os ânimos se acalmaram, Iansã voltou a sua forma de Orixá perguntou a Exu: - Por que me transformasse em uma borboleta e não em um animal ainda mais forte e feroz que um búfalo?

Exu lhe respondeu:

- Iansã, você já é uma guerreira, estando furiosa como vento, você arrasaria o mundo em um poderoso vendaval. Como raio, você acabaria com as aldeias. Como fogo, você

destruiria o mundo num incêndio. Como um animal violento nunca conseguiria vencer a Xangô. Porém, como borboleta além de manter suas cores e perfumes, você também será capaz de voar com suas asas ao sabor do vento. No momento em que você e Xangô se enfurecerem, voe para longe com suas asas de borboleta. Nem sempre é necessário enfrentar um campo de batalha com força e violência. A coragem e a bravura também podem estar na paciência e na delicadeza de uma leve borboleta!

ATIVIDADE 01

Depois de ouvir com atenção o *podcast*, escolha um dos personagens da história e o represente aqui como você o imaginou. Você pode usar canetinhas coloridas, giz de cera, lápis de cor, colagens variadas. Seja criativo(a)! Em seguida, escreva porque fez essa escolha.

CAROS PROFESSORES:

OBJETIVO: Proporcionar a associação entre o modelo exemplar mítico e o estudante através de uma expressão artística (desenho/ilustração).

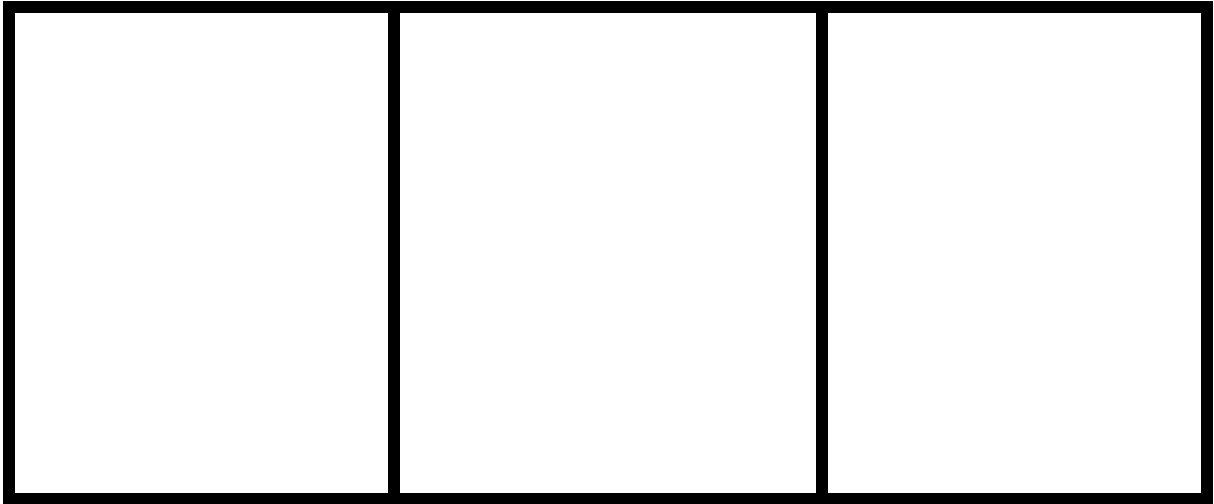
Essa atividade contempla a camada psíquica do mito que possibilita a identificação pessoal do estudante com um dos personagens míticos (arquétipos, modelos, símbolos) a partir de suas características mais ou menos evidentes. Essa livre associação é expressa através de sua imaginação e criatividade, fortalecendo os aspectos positivos desses modelos exemplares e possibilitando a nós, professores, que conheçamos mais sobre cada um dos nossos alunos.

A atividade também poderia ser realizada através de outras formas de expressão como: a encenação dos personagens, a construção de bonecos, miniaturas ou esculturas. É válido o diálogo com o professor de artes para promover a interdisciplinaridade nessas propostas.

ATIVIDADE 02

Você já viu aquelas tirinhas de histórias em quadrinho que aparecem na última página dos gibis? Geralmente, são três quadrinhos contendo início, meio e fim de uma história bem resumida, mas que fica bem compreensível em apenas três episódios. Agora é sua vez de criar uma tirinha! Depois de ouvir o *podcast* crie sua versão da história em três quadrinhos. Você

pode usar desenhos, colagens, balões de diálogos, onomatopeias, legendas. Seja criativo e bom trabalho!



CAROS PROFESSORES

OBJETIVO: Desenvolver a capacidade de recontar histórias fazendo associações entre tempos e espaços percebidos a partir de si mesmos.

Essa atividade está relacionada à camada do mito que proporciona o diálogo entre contador e o ouvinte de diversas formas e inúmeras vezes, já que o ouvinte também se torna um contador de histórias. Nesse processo a vivência vai se tornando experiência. Provavelmente, ao analisar as atividades prontas, com o que os alunos consideraram mais importante nos acontecimentos que se desencadearam no mito, será possível perceber que a estrutura mítica, em certo nível, não muda muito ao ser recontada, porém a maneira em que isso ocorre e se expressa é bem individualizado.

Outras opções similares a essa atividade poderiam ser: sentados em um grande círculo, os alunos recontariam a história como a entenderam. Os estudantes também poderiam criar seus próprios *podcasts*, criar uma charge ou produzir um vídeo recriando a narrativa mítica.

ATIVIDADE 03

Na história da sua vida você já deve ter passado por alguma situação que gostaria de ter tomado uma poção como a que transformou Iansã em um animal. Em qual animal você se transformaria e por quê? Pensando nisso, crie uma narrativa na qual você também seja um

personagem da história. Ela deve ser “baseada em fatos reais”, mas você também pode soltar sua imaginação. Bom trabalho! (o formato pode ser em forma de texto ou áudio\podcast)

CAROS PROFESSORES

OBJETIVO: Perceber a si mesmo como um agente histórico. Indivíduo que tem sua própria história. Proporcionar que o aluno vivencie sua própria jornada mítica.

Essa atividade se relaciona com a camada do mito que proporciona que o indivíduo o vivencie de alguma forma, contribuindo para seu desenvolvimento. No seu imaginário, o aluno se torna um personagem mítico, e experimenta sua própria jornada. Mas também traz suas memórias históricas pessoais, assim como suas relações com o presente. Quando o estudante escolhe e seleciona essas memórias ele dá sentido ao seu presente fazendo o papel de ‘historiador’ da sua própria narrativa. Uma sugestão interessante seria usar um desses aplicativos de edição de imagens, ou até mesmo fotos impressas e recortes de revistas, e criar seres míticos com as fotos dos próprios alunos e depois fazer uma exposição!

Exemplos:



ATIVIDADE 04

O culto aos Orixás tem sua origem na África. No Brasil, foram os Iorubás que mantiveram essa cultura viva e, por isso, até hoje, narrativas como a desse *podcast*, são muito comuns na vida de muitos brasileiros como nós. Busque em um dicionário ou um site informativo o significado de “Iorubá” e escreva abaixo:

Assim como Iansã, a história da África é repleta de exemplos de fortes mulheres guerreiras que também foram líderes de povoados ou Rainhas de grandes Nações. Abaixo há uma lista com nomes dessas mulheres, escolha uma delas, realize uma pesquisa e nos conte porque ela é um personagem importante para a História. Depois use o verso da folha para representá-la com um criativo desenho.

Amina, rainha de Zazau (Zaria)

Nzinga, rainha de Ndongo e de Matamba

Yaa Asantewaa, rainha-mãe de Ejisu

Dihya (Kahina), líder militar e religiosa Imazighen

Ranavalona I, rainha do Reino de Imerina

Nandi ka Bhebhe, rainha-mãe do reino Zulu

CAROS PROFESSORES

OBJETIVO: Trabalhar elementos da história africana. Trazer discussões sobre história e gênero.

Essa atividade contempla as camadas mais evidentemente históricas dos mitos. Trazendo questões como os grupos sociais que os originaram, as etnias, os diversos modos de vida de outras culturas e as assimilações entre elas. Com a realização da pesquisa sobre importantes mulheres africanas podemos trazer também questões de gênero e sobre diversidade e alteridade para serem discutidas em sala de aula a partir das informações coletadas pelos estudantes.

4.2 **PODCAST 02: Oxóssi da floresta**

Essa é a história de Oxóssi, o grande protetor das matas, o orixá caçador, que carrega consigo um arco e flecha poderoso. Ele é irmão de Ogum, que é orixá guerreiro, mestre na confecção e no manuseio das armas. A missão de Ogum é guerrear! Onde tem luta, lá estará o grande guerreiro Ogum.

Certa vez, Ogum precisava de ajuda para manter sua família forte e saudável em seu palácio, já que ele passava dias e noites batalhando em outros reinos. Resolveu, então, chamar seu irmão, Odé, pois ele não gostava de acompanhar Ogum nas suas guerras, gostava mesmo

é de passar horas na mata, ouvindo os sons da floresta, subindo em árvores e observando todo tipo de animal que vivia por ali. Então Ogum disse:

“Odé, vou te ensinar a caçar! Assim, posso me ausentar sem preocupação, pois você trará da floresta todo alimento necessário para o sustento da nossa família! Pegue esse arco e flecha e me siga!”

Ogum ensinou ao seu irmão tudo que sabia sobre caça, e Odé, gostava tanto de estar na Floresta que aprendeu muito bem, e se tornou um caçador ainda mais forte e ágil que Ogum. Odé trazia da floresta alimento farto para todos, e ao mesmo tempo protegia os animais e as plantas, mantendo o equilíbrio da natureza.

Certa vez, no Reino de Ifé, estava acontecendo uma grande festa em agradecimento às divindades, pois a colheita de inhame, o principal alimento cultivado por ali, tinha sido muito abundante.

Todos festejavam e se divertiam, comendo inhame e bebendo vinho de Palma. De repente, um gigantesco pássaro pousou em cima do palácio, no meio da festa! Disseram que o ele tinha sido enviado por feiticeiras que não tinham sido convidadas para a comemoração. Todos ficaram assustados com o tamanho daquele animal e começaram a correr de um lado para o outro! Mais que depressa, o Rei resolveu então chamar todos os caçadores das redondezas. O primeiro caçador chegou com 50 flechas! Foi atirando uma a uma, e nada de conseguir abater aquele bicho. O segundo caçador veio com 40 flechas! Atirou todas e nada conseguiu! O terceiro, que tinha 20 flechas também desperdiçou todas, e o pássaro continuava lá. Então apareceu Odé, carregando apenas uma flecha no seu arco, e disse:

“Ó grande rei de Ifé, se me permite, vou colocar um fim nessa situação de uma vez por todas. Minha flechada será certa!”

Ninguém acreditou, afinal, tantas flechas já haviam sido lançadas e aquele pássaro tranquilamente as desviava, como apenas uma flecha seria suficiente? O que não se sabia, é que a mãe desse caçador havia feito uma bela oferenda às feiticeiras, dando a elas alguns búzios, flores e bom alimento. Assim, quando Odé preparou sua flecha, algo surpreendente aconteceu, o grande pássaro abriu suas enormes asas, deixando seu peito aberto, e o caçador acertou em cheio! A ave caiu no chão e esse foi o sinal de que as feiticeiras já não estavam mais ofendidas e a paz havia sido restabelecida. Todos comemoraram e puderam seguir festejando com muita alegria! Então, a partir desse dia, Odé passou a ser chamado de Oxóssi, o orixá das matas, o grande caçador de uma flecha só!

ATIVIDADE 01

Os Orixás, como os da história do *podcast*, são divindades ligadas à natureza e, geralmente, presentes nas manifestações religiosas de matriz africana⁹. Observe as imagens:



IEMANJÁ



NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES



OXÓSSI



SÃO SEBASTIÃO

Na época da escravidão, a cultura das pessoas que foram trazidas do continente africano foi fortemente reprimida. Como uma forma de resistência, os orixás passaram a ser associados

⁹ Definição de Orixá da Iyalorisá Savana T'Obalúwaiyè

a imagens de santos católicos. Faça uma pesquisa e depois escreva em seu caderno um texto explicando porque isso ocorreu:

CAROS PROFESSORES:

OBJETIVO: Destacar a diversidade cultural e a conservação de características culturais apesar da repressão. Trabalhar o tema das diversas formas de resistência, diversidade cultural, racial e religiosa. Trazer temas relativos ao período escravocrata.

Essa atividade traz a camada histórica do mito possibilitando o desenvolvimento de uma pesquisa sobre um processo histórico, sua contextualização e efeitos na sociedade. Pode desencadear reflexões sobre o período escravocrata, sobre a aculturação, e também sobre racismo e preconceito racial ou religioso. Podem ser trabalhados aqui também os mitos de origem católica, como o da Nossa Senhora dos Navegantes e o de São Sebastião. É importante tratar do tema focando no respeito à diversidade, à alteridade, valorização das variadas culturas e desenvolvimento da empatia e alteridade.

ATIVIDADE 02

Depois de ouvir o *podcast* com a história de Oxóssi, realizem, em casa, uma pesquisa sobre esse Orixá. Busquem informações sobre como ele é representado, seus símbolos, instrumentos, poderes, dons, temperamento. Tragam para a escola elementos coletados apenas na natureza que representem de alguma forma esse Orixá, como galhos, plantas, pedras, troncos e penas. Com a ajuda do professor usem esses elementos para montar um cenário em um ambiente da escola (preferencialmente externo). Usem o espaço com criatividade, dispondo os elementos da natureza de forma pensada coletivamente. Com o cenário pronto é hora de recontar a história. Escolham alguns representantes para serem os contadores ou cada aluno pode contar um pedaço da narrativa.

CAROS PROFESSORES:

OBJETIVOS: Explorar os modos de simbolizar os arquétipos. Criar um espaço coletivo que se relacione com a narrativa. Perceber as relações possíveis entre os mitos iorubas e a natureza.

Essa atividade traz a camada do mito que se relaciona com os símbolos arquétípicos. A ideia é criar um ambiente que expresse, ou se conecte, com a narrativa mítica, permitindo uma

experiência mais profunda do mitohermeneuta na interpretação da história contada, reforçando os elementos psíquicos que compõe o personagem mítico de Oxóssi. Esse Orixá traz consigo a abundância da natureza, o equilíbrio entre a caça/pesca/coleta e a preservação. Traz a coragem, a determinação de uma flecha certa, o talento e o dom de cada um. Todos esses elementos podem ser explorados na disposição dos símbolos no cenário. Essa atividade pode fazer com que os estudantes entrem em contato com essas emoções e sentimentos, ajudando no seu desenvolvimento psíquico e emocional.

ATIVIDADE 03

Observe as imagens:



Pensem em como essas imagens se relacionam com o tema trazido no *podcast* e debatam o assunto com os colegas e professor(a). Depois escreva sua conclusão nas linhas abaixo e em seguida, crie uma imagem expressando sua ideia sobre o tema. O trabalho final pode ser apresentado em formato de **charge, HQ ou gravura**.

CAROS PROFESSORES:

OBJETIVOS: Combater à intolerância religiosa. Trabalhar o respeito às diferentes crenças e formas de pensar e agir no mundo.

Essa atividade traz a camada do mito que se relaciona com crenças religiosas. O professor poderia também conduzir um bate-papo sobre a religiosidade das famílias dos estudantes, entendendo a diversidade mesmo dentro de uma religião e criando um ambiente amigável e respeitoso para tratar dessas diversidades.

O professor pode também trazer outros assuntos relacionados à intolerância religiosa, mencionando exemplos de como a rivalidade e não aceitação entre religiões afetam a história das sociedades, gerando crises, guerras, migrações, ocupações, genocídios, etc. para isso é possível usar vídeos, documentários e reportagens.

A atividade deve reforçar o respeito a todas as religiões e à diversidade cultural. Para finalizar, sugerimos uma grande exposição com todos os trabalhos pelos ambientes da escola

4.3 *PODCAST* 03: Mani da oca

Certo dia, em uma comunidade indígena Guarani, nasceu uma criança diferente de todos os outros bebês. Sua pele era tão branca quanto as nuvens do céu. Ninguém sabia explicar como uma menina indígena poderia ter nascido tão branquinha.

A menina era tão sorridente e esperta que logo cativou a todos. Ela começou a caminhar, falar e interagir muito cedo, era muito inteligente e amada a tal menina:

“Aqui entre meu povo, recebi o nome Mani, sou uma criança diferente, porque tenho a pele branca, e mesmo sendo diferente, sou querida e respeitada por aqui! Eu adoro nadar no rio, balançar na rede e aprender as coisas da vida com os mais velhos!”

Naquele momento, a comunidade passava por dificuldades. Uma grande seca havia prejudicado a colheita dos alimentos. Sem alimento por perto, os animais também eram raros, nem caçar estava sendo mais possível. A fome se aproximava...

Já não bastasse o problema da falta de alimento, outra preocupação chegou de repente: a menina Mani, começou a ficar doente. Sua mãe insistia:

“Levanta de rede filha, toma esse chá, come essa fruta...”

“To cansada minha mãe...quero ficar aqui quietinha”

Alguns dias se passaram e em certa manhã, Mani não despertou mais, a pequena menina de pele branca havia morrido.

A tristeza comoveu a todos. Resolveram, então, enterrar o corpo da menina no centro da maior oca que havia ali, para que de alguma forma, ela ainda estivesse por perto. A mãe de Mani, inconsolável, passava muito tempo sobre a cova da pequena, e chorava tanto, que suas lágrimas aguavam a terra.

E foi então que algo misterioso aconteceu: Sobre o lugar onde Mani foi enterrada, nasceu uma planta diferente, que os indígenas não reconheciam. Ela crescia forte e bonita a cada dia. Curioso com aquela planta, o pajé mandou cavar até suas raízes. E foi grande a surpresa quando perceberam que, por dentro, as raízes da planta eram branquinhas, branquinhas, exatamente como a pele de Mani. Descobriram também que poderiam replantar essas raízes por toda a terra, e que era um alimento gostoso, forte e saudável. Essa planta passou a ser a principal comida para aquele povo e afugentou a fome que há tempos os preocupavam.

“Como me chamo Mani, e meu corpinho foi enterrado no meio de uma Oca, a minha família chamou a minha plantinha de Mani na Oca, que acabou virando MANDIOCA! Mas também sou conhecida como macaxeira ou aipim. Nasci lá na oca indígena do meu povo, mas hoje sou um alimento consumido no Brasil inteiro”!

ATIVIDADE 01

Escute o *podcast* e depois leia o texto:

No litoral de Santa Catarina o cultivo da mandioca é muito comum. Na história dessa região os engenhos de farinha de mandioca foram muito importantes no desenvolvimento da cultura e da economia local. Na região de Garopaba, por exemplo, existem engenhos de farinha que ainda estão em plena atividade.

Foram os açorianos que, ao chegarem no nosso litoral, construíram os primeiros engenhos, nos quais o maquinário era movido à tração animal ou à força do vento. No entanto,

os açorianos aprenderam a cultivar e a comer a mandioca com os povos tupis-guaranis, muito provavelmente os carijós, que já viviam aqui por muito tempo antes da chegada dos europeus.

Na história de Mani, percebemos que esse alimento já era muito comum nos hábitos alimentares dos povos que viviam aqui no Brasil antes da colonização. Atualmente, nas refeições dos brasileiros, é possível encontrar inúmeras receitas que usam a mandioca como um de seus principais ingredientes.

1. Faça uma pesquisa e busque outros alimentos ou hábitos dos povos originários que são comuns no nosso cotidiano e os elenque em seu caderno.
2. Temos algumas comunidades Guaranis na região de Santa Catarina. Que tal conhecer uma dessas comunidades, registrar o que você viu e ouviu e depois relatar para a turma?
3. Que tal visitar um desses engenhos locais e conhecer como se produz a farinha de mandioca atualmente? Com a orientação do professor, preparem uma entrevista para ser realizada com os produtores.
4. Converse com as pessoas mais velhas da sua família e encontre receitas e preparos de alimentos feitos com mandioca. Escolha uma delas para compartilhar com a turma.

CAROS PROFESSORES

OBJETIVO: Observar a presença da cultura indígena Guarani na cultura local. Perceber as mudanças ocorridas com o decorrer do tempo, tanto em relação às características das comunidades indígenas, como das não-indígenas, e em relação à produção e o consumo de alimentos de origem indígena como a mandioca.

Essa atividade contempla a camada da narrativa mítica que explica como certo elemento surgiu no mundo, por isso uma forma de conhecimento. O texto da atividade, com o *podcast*, pode se desdobrar em várias possibilidades. A visitação a uma comunidade indígena local, ou até mesmo a projeção de um vídeo que mostre a realidade atual dos povos indígenas, pode combater a ideia que se construiu no imaginário popular do “índio que estacionou no tempo”. Outra sugestão para trabalhar o tema indígena na atualidade é trazer, pesquisar e comentar sobre indígenas atuantes nas universidades, nos setores públicos, na política, na área da saúde, etc.

A visitação a um engenho de farinha de mandioca local e as entrevistas com as famílias produtoras pode revelar detalhes sobre a história local, podendo gerar a produção de um jornal impresso, um vídeo estilo documentário, ou a criação de um álbum de fotos e registros. A partir das receitas coletadas pelos alunos é possível realizar uma exposição/degustação de pratos

derivados da mandioca, ou outras receitas de origem indígena, possibilitando a troca de conhecimentos familiares e a percepção das transformações dos alimentos nos tempos e espaços diferentes.

ATIVIDADE 02

Assim como na história guarani da mandioca, os alimentos aparecem em muitas outras narrativas pois são essenciais à vida humana e por isso são fundamentais na nossa história. Os povos maias, que habitaram o sul do México, Guatemala, Honduras, El Salvador e Belize contam assim a história do surgimento dos seres humanos na Terra:

“Tepeu e Gucumatx, deuses criadores da Terra, resolveram criar a humanidade. Inicialmente moldaram os seres humanos com lama, mas eles ficaram muito moles e se desfizeram com a chuva. Criaram então outros seres a partir da madeira, mas eles ficaram muito duros e não tinham nenhuma alma. Finalmente, o ser humano é criado a partir de uma planta, o milho, e dessa vez a criação deu certo e originou toda a humanidade”. (adaptado de https://pt.wikipedia.org/wiki/Mitologia_maia)

Observe a imagem dos milhos comumente encontrados na América Central:



O poeta Eduardo Galeano escreveu um poema relacionado à história descrita acima e à imagem ao lado:

Janela sobre os ciclos

As pessoas feitas de milho, fazem o milho.

As pessoas criadas das cores e da carne do milho cavam um berço para o milho e o cobrem de boa terra e o regam e dizem a ele palavras de amor.

Quando o milho está crescido, as pessoas de milho, o moem sobre a pedra, e o erguem, e o aplaudem, e o embalam no amor do fogo e o comem, para que nas pessoas de milho, o milho continue caminhando sobre a Terra sem nunca morrer.

GALEANO, E. AS PALAVRAS ANDANTES - 1ªED. (2018)

Agora é sua vez de ser poeta! Escute com atenção o *podcast* e deixe a inspiração chegar! Crie um poema baseado na história de Mani e o escreva em seu caderno. Faremos na sala de aula um grande sarau para declamação dos poemas para a turma!

CAROS PROFESSORES

OBJETIVOS: Refletir e expressar na poesia o que mais lhe fez sentido na narrativa. Aqui o aluno, o hermenêuta do mito (mitohermenêutica), mostra sua interpretação pessoal e a demonstra através de um processo criativo. Incentivar a criatividade e a capacidade de recontar o mito de outras formas a partir de si mesmo.

Essa atividade pode ser interdisciplinar envolvendo disciplinas como artes, português e ciências. Pode ser feita em duplas, e pode envolver imagens. Cada aluno pode trazer alguma imagem ou desenho que se refira à história do *podcast*, em seguida se cria um grande mural coletivo com todas as imagens, assim possibilitando a inspiração vir também através dos olhos. O estudante deixa vir à tona através da produção artística da poesia o que mais o inspirou ao ouvir (e ver) a história de Mani. Escreve uma narrativa criativa fazendo suas conexões próprias. Além disso, a atividade também traz a referência de uma outra narrativa mítica indígena, da América central, mostrando a diversidade das cosmovisões e gerando interesse em outras possibilidades que também podem ser exploradas pelo professor.

* Que tal deixar músicas guaranis tocando na sala enquanto eles criam seus poemas?

Outra sugestão seria trabalhar, a partir dessa atividade, o conceito de antropofagia, prática que era realizada por algumas etnias indígenas. Esse ritual traz a ideia do corpo do outro como alimento para “alma”, se alimentando da personalidade, dos valores e talentos de outro indivíduo. Esse tema do corpo como alimento está presente em várias narrativas míticas, e pode ser melhor explorado, como veremos também na atividade a seguir.

ATIVIDADE 03

É muito comum, nas narrativas indígenas, histórias parecidas com a de Mani, nas quais pessoas, corpos ou animais se transformam em alguma planta ou alimento importante para o coletivo. Alguns exemplos dessas histórias envolvem o guaraná, o açaí, o milho, a vitória-régia. Você conhece algumas dessas histórias indígenas? Escolha um dos exemplos mencionados, ou outro que você encontrar, e faça uma pesquisa, recontar a história com suas palavras e depois a represente com uma criativa ilustração no verso da folha. Boa pesquisa!

A partir desse tema também se faz possível explorar mais a relação entre o alimento e o corpo. Sugerimos uma vivência na natureza onde os alunos possam estar em contato com a terra, pés descalços, e onde seja possível um exercício de visualização no qual eles sejam incentivados a sentir como seria se criassem raízes a partir de seus pés e fossem se

transformando em plantas. “Que planta você se tornaria? Que fruto geraria? Qual é sensação ao comer esse fruto? Por que escolheu tal alimento?”. Essas perguntas geradoras poderiam conduzir uma “frutífera” discussão sobre a relação entre natureza, alimento e o corpo.

CAROS PROFESSORES

OBJETIVOS: Perceber outras formas de construir saberes. Ampliar o conhecimento e as experiências sobre as formas que os povos indígenas observam e entendem o mundo. Trabalhar na prática conceitos como Ecologia de Saberes e Pluriversalidade. Experimentar a mitohermenêutica ao trabalhar a relação entre o alimento e o corpo com o exercício de visualização.

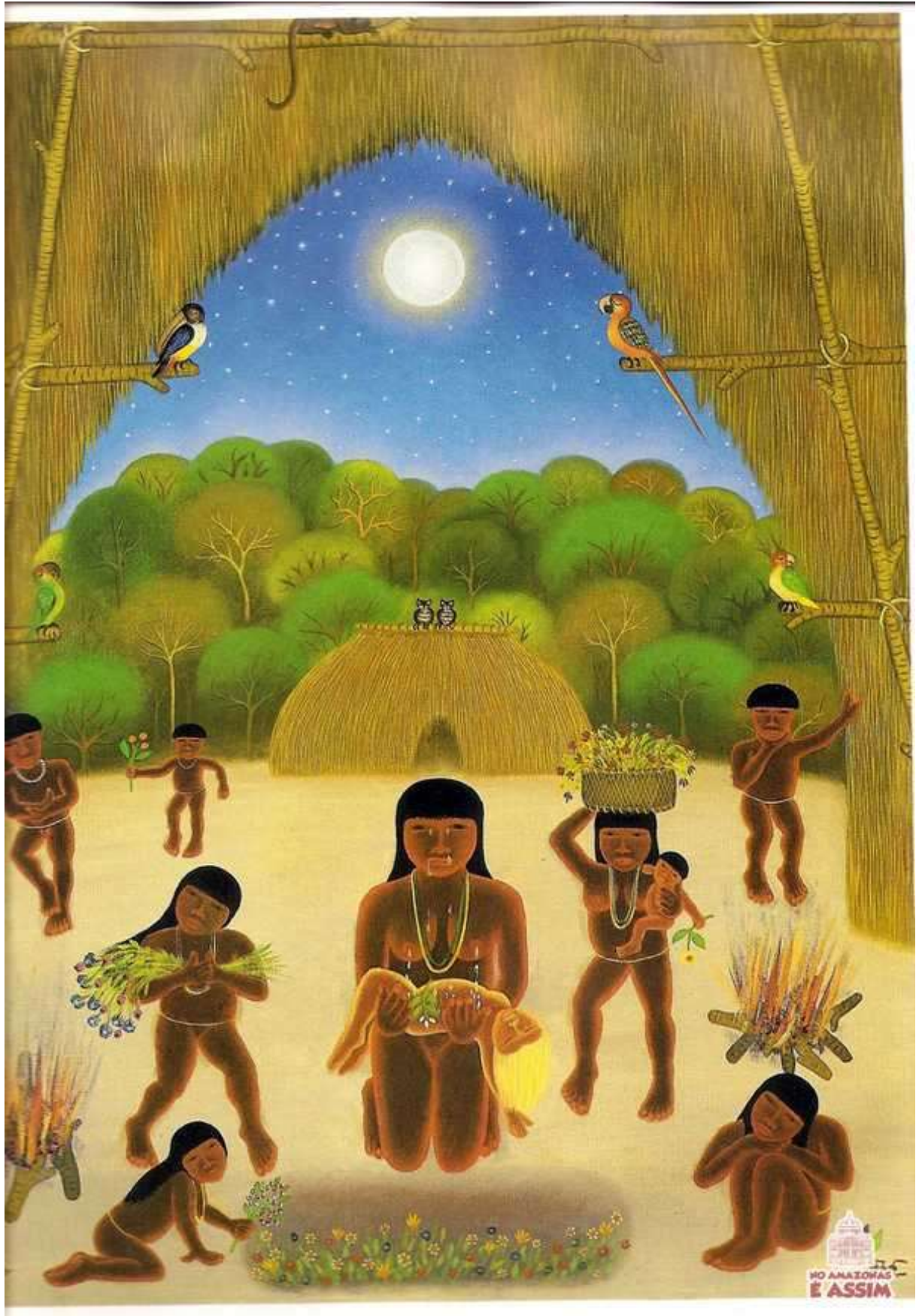
Essa atividade contempla a camada do mito que evidencia as cosmovisões. Nesse caso as maneiras indígenas de interpretar e viver no mundo, principalmente ao se relacionar com a natureza e o alimento. É importante mencionar aos alunos que cada história tem uma origem étnica específica, não havendo uma homogeneidade nas versões e sim uma grande diversidade. Sendo assim, é fundamental que os alunos mencionem nos textos de qual etnia a história que escolheram se origina. A partir desses textos os alunos também podem fazer gravações e criar seus próprios *podcasts*, ou preparar uma grande contação coletiva de histórias. Nesse caso seria interessante estar em lugar aberto, com natureza no entorno, onde possam sentar em círculo e compartilhar suas narrativas e também suas experiências com o exercício de visualização do corpo/planta.

ATIVIDADE 04

Após escutar o *podcast* com a história de Mani, feche os olhos e imagine as cenas, os personagens, a paisagem, a oca, a comunidade. Deixe sua imaginação trabalhar!

Depois de fazer esse exercício de visualização, veja como outras pessoas imaginaram alguns momentos da história. Observe as imagens:







Imagens retiradas de:

<https://noamazonaseassim.com/a-lenda-da-mandioca/>

Com a orientação do professor de artes, escolham uma técnica para dar vida as suas visualizações. Criem suas próprias obras de arte inspiradas no conto da menina Mani. Finalizem essa atividade com uma exposição bem bonita no pátio da escola. Bom trabalho!

CAROS PROFESSORES

OBJETIVOS: Expressar as impressões particulares, conscientes e inconscientes, sobre a narrativa mítica através da arte.

Essa atividade permite que, através de uma expressão artística, o estudante manifeste como o mito indígena fez sentido para ele. Contempla a camada do mito que atinge níveis mais profundos da mente humana e também se fundamenta na mitohermeneutica.

Ao realizar o trabalho com o professor de artes é possível promover a interdisciplinaridade e o diálogo com outros conhecimentos como as técnicas de pintura ou ilustração. Além disso, uma exposição das obras de arte fomenta a curiosidade e interesse da comunidade escolar como um todo, trazendo as cosmovisões indígenas como foco principal desse evento.

4.4 PODCAST 04: Estrelas bororo

Contam os mais velhos, que há muito tempo, quando a noite era muito escura, sem estrelas no céu, aconteceu algo lá no povo indígena dos Bororos, que transformou o céu e a terra. As mulheres que ali viviam, passaram a sair cedinho em direção à mata e só voltavam à tardinha, sem contar a ninguém onde iam. Os homens passavam o dia a caçar na floresta e os pequenos meninos indígenas, ficavam horas e horas sozinhos.

Certa vez, um desses meninos, curioso com o sumiço das mulheres indígenas, seguiu o rastro que elas deixaram pelo caminho e então as encontrou no meio de um milharal! Estavam se alimentando daquela planta que até então o seu povo não conhecia. Bem quietinho, o menino pegou algumas espigas de milho e correu de volta para encontrar os outros. Lá chegando compartilhou aquele alimento delicioso com todas as crianças.

Comeram todo o milho rapidinho, se fartaram, então deitaram em suas redes para descansar até o entardecer. De repente, ouviram os passos apressados das mães retornando da mata.

Eles ficaram com medo, pensaram que iam ser castigados por terem escondido e comido todo milho. Mais que depressa chamaram um pequeno beija-flor e então um dos meninos pediu ao pássaro:

“Beija-flor, tu que é um passarinho rápido como o vento, pega esse cipó e leva até o céu, para o mais alto que puder, amarra lá na altura da lua! Nós vamos subir por ele e nos esconder lá em cima! ”

Quando as mulheres chegaram não encontraram as crianças. Os meninos haviam desaparecido! No entanto, encontraram aquele cipó estendido, que ia da terra até o mais alto do céu. Logo imaginaram que eles haviam subido por ali. Começaram elas também a subir no cipó atrás deles. O que elas não esperavam é que os meninos, ao perceberem que as suas mães os seguiram, acharam que estavam encrencados e resolveram cortar o cipó. E as mulheres despencaram lá do céu. E aí que algo muito interessante aconteceu: As mulheres indígenas que caíram dos céus se transformaram em animais da floresta! As mães que conseguiram se segurar nas folhas e galhos das árvores, se transformaram em macacos, quatis e iraras. As que caíram no chão se transformaram em pacas, cotias e jaguatiricas.

Enquanto isso, a noite chegava, os meninos lá no alto do céu ficaram olhando tudo que tinha acontecido lá embaixo, abriram bem seus olhinhos para conseguir enxergar suas mães pois já havia escurecido. Seus olhos viraram pontos iluminados na noite, se transformaram em estrelas a brilhar naquela escuridão. Contam os mais velhos, que foi assim que surgiram as primeiras estrelas no céu.

ATIVIDADE 01

Essa história, que conta sobre o surgimento das estrelas e de alguns animais, tem origem indígena, mais especificamente, entre os povos da etnia Bororo. Faça uma pesquisa e descubra:

1. O que quer dizer a palavra Bororo e de onde veio essa denominação
2. Por que essa etnia é considerada por alguns pesquisadores grande conhecedora de astronomia? (Se você não souber o que é ‘astronomia’ pesquise essa informação em um dicionário)
3. Escreva pelo menos 3 informações sobre o cotidiano atual dos povos da etnia Bororo:

CAROS PROFESSORES

OBJETIVOS: Exercitar a capacidade de pesquisa. Ampliar conhecimentos sobre modo de vida das etnias indígenas. Promover alteridade.

Essa atividade de pesquisa faz referência à historicidade dos povos indígenas que originaram a narrativa, por isso contempla a camada histórica do mito. Se for possível, utilizem a biblioteca ou a sala de informática da escola para realizar essa pesquisa em conjunto, o professor pode instruir sobre sites a serem visitados e também comentar as imagens contidas nessas páginas virtuais.

ATIVIDADE 02

Que tal criar uma encenação dessa história que conta sobre o surgimento das estrelas no céu e de alguns animais na terra? De acordo com as orientações do professor, montem equipes, criem um roteiro e pensem em alguns elementos para o cenário. Os alunos podem ser os atores e atrizes desse teatro, mas também é possível criar bonecos, fantoches ou um teatro de sombras.

TIPO DE ENCENAÇÃO:

MEMBROS DA EQUIPE:

TÍTULO DA PEÇA:

ROTEIRO:

CAROS PROFESSORES

OBJETIVOS: Promover e sensibilizar para a ecologia de saberes. Vivenciar o mito a partir da arte, encenação teatral.

Essa atividade pode ser realizada a partir de qualquer um dos *podcasts* com as narrativas míticas. Atividades que envolvem encenação e interpretação teatral são excelentes para trabalhar os mitos pois facilitam o contato com o inconsciente, com a memória coletiva e possibilitam que o indivíduo experencie, em algum nível, os elementos/modelos presentes nas narrativas através do seu próprio corpo. É interessante também promover a interdisciplinaridade com esse tipo de atividade. Escrever um roteiro, montar um cenário, dividir tarefas e custos, estudar sobre os animais da história, todos esses aspectos podem também ser trabalhados com outros componentes curriculares como Português, Artes, Matemática e Ciências.

ATIVIDADE 03

Você já ouviu outras histórias diferentes que contam sobre a origem dos astros celestes como estrelas, a lua, o sol e os planetas? Ou que falam sobre como surgiram outros elementos da Natureza, como os animais por exemplo? Que tal criar seu próprio *podcast* contando essa história? Para isso converse com seus avós, pais, tios e tias ou outras pessoas da família e descubra se eles conhecem esse tipo de história. Escolha uma delas, faça um roteiro e depois é só gravar! Se quiser inclua vozes de outras pessoas, músicas e efeitos sonoros. Bom trabalho!

CAROS PROFESSORES

OBJETIVOS: Perceber outras narrativas míticas, de diferentes origens, presentes em seu cotidiano. Incentivar o diálogo e a busca de saberes com as pessoas mais velhas da família. Valorizar a historicidade presente em sua própria trajetória de vida e ambiente familiar. Permitir a expressão criativa através de ferramentas atuais, como os *podcasts*, podendo gerar um maior interesse.

Essa atividade traz, mais uma vez, a ênfase na ecologia de saberes, buscando considerar os conhecimentos diversos dentro da realidade do próprio aluno, diminuindo o estranhamento em relação a outras cosmovisões presentes nos *podcasts*. Também se torna possível a interdisciplinaridade na realização desse trabalho. A sugestão é fazer a “exposição” dessa grande audioteca em um ambiente externo, onde os alunos possam sentar em roda. Ou ainda em uma feira na escola. Que tal montar uma sala escura com estrelas fosforescentes e luzes, como num planetário? Esse poderia ser o planetário mítico da escola, já que em um planetário tradicional, também há uma voz narrando sobre as estrelas.

ATIVIDADE 04

Leia o texto e realize a atividade sob a orientação do professor:

Por volta de 1500 viviam no atual território brasileiro mais de mil povos indígenas, com crenças, hábitos, costumes e formas de organização específicas. Os Guaranis viviam mais próximo ao litoral, enquanto os Bororo viviam no interior do território. No entanto, todas as etnias indígenas sofreram profundas e drásticas mudanças com a chegada dos portugueses na

região. Algumas histórias, como a narrada no *podcast*, sobreviveram a essas mudanças graças à oralidade desses povos, pois eram transmitidas de geração em geração, dos mais velhos para os mais novos.

Realizem uma pesquisa em seu material didático e, se necessário, busquem informações na internet, sobre como e quais foram essas mudanças. Ao realizar a pesquisa, e com ajuda do professor, considerem buscar informações relacionadas ao tema, como: **escambo, escravização, catequização, dizimação, eurocentrismo, “supremacia branca”, resistência**. Depois de ler e se informar é hora de realizar um debate. Sentem em grupos e discutam suas opiniões a respeito do que foi pesquisado. Criem frases que expressem a opinião de vocês sobre o tema e as escrevam em faixas e cartazes. Em seguida o professor organizará a apresentação dessas frases pelas equipes ao restante da turma.

CAROS PROFESSORES

OBJETIVOS: Perceber questões relacionadas ao choque cultural do início da colonização e suas consequências, assim como, os efeitos desse processo sobre as populações indígenas atuais. Trabalhar conceitos históricos. Promover alteridade.

Essa atividade traz o mito como um “saber sobrevivente”, como um resquício do que se manteve, uma fonte histórica. A partir dessa percepção o professor deve trabalhar a questão do impacto de uma cultura sobre a outra. Questões atuais, como as leis de demarcação dos territórios indígenas, a mortalidade dessas populações e as políticas públicas referentes às comunidades indígenas podem ser trazidas para discussão ampliando a quantidade de frases. Essas frases podem ser espalhadas pela sala, ou pela escola afim, de trazer reflexões sobre o tema para toda comunidade escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciei meus estudos no mestrado, já tinha como meta trabalhar com mitologia, pois como já contei no decorrer desse trabalho, os mitos, nas minhas aulas de história, já haviam se tornado uma experiência encantadora e instigante em diversos níveis. Toda minha trajetória no curso de pós-graduação, portanto, teve como ponto de partida experiências pedagógicas, que tiveram nos mitos greco-romanos uma linha condutora na produção de conhecimento escolar. No entanto, na medida em que fui concluindo as disciplinas do mestrado no Profhistória, fui também me surpreendendo e ampliando minhas percepções com as reflexões propostas na academia. Pude perceber em mim mesma, por exemplo, na minha prática pedagógica, o mecanismo reprodutor de um conhecimento histórico escolar muito limitado a uma visão eurocêntrica e cartesiana da vida.

Já tinha descoberto, e acreditava que de maneira muito inovadora, as narrativas míticas como um caminho muito interessante para o processo de aprendizagem, no entanto, ainda não tinha percebido a possibilidade de usar um “caminho mítico” similar, porém diversificando o arcabouço de narrativas, pensando mais na diversidade mítica/histórica brasileira. Dessa forma, a escolha em trabalhar com mitos de origem iorubá e indígena, me levou a conhecer, pesquisar e refletir mais sobre essas narrativas. Percebendo, principalmente, sobre como damos prioridade a mitos eurocêntricos ao pensar em mitologia, sem nos atentarmos para a rica variedade de mitos provenientes de outras tradições, que talvez, sejam muito mais interessantes na possível conexão entre os mitos e os processos educativos, considerando principalmente as memórias, a ancestralidade e a cultura imaterial brasileiras.

O trabalho final, apresentado no site “Contos da Terra”¹⁰, se materializou, mesmo que virtualmente, apoiado em toda uma pesquisa teórico-metodológica que deu o suporte necessário para uma compreensão bem mais ampla do conceito de mito. Ao pesquisar, e estudar, mitólogos como Mircea Eliade e Joseph Campbell, associando com alguns elementos dos estudos da psicologia analítica, passei, gradativamente, a entender melhor a riqueza e a profundidade humana, inerentes aos mitos, que surgem no seio de praticamente todas as sociedades, assim como, a relevância de tornar essas narrativas mais presentes, mais visíveis e, por que não dizer, mais sensíveis, dentro dos espaços escolares.

10 Para acesso: <https://podcastscontosdate.wixsite.com/contosdaterra>

Isso já se refletiu na maneira como apresento essas narrativas nas salas de aula atualmente. Esse ano, por exemplo, os mitos greco-romanos já foram anunciados para os alunos como maneiras de explicar e entender o mundo para esses povos, e não apenas como crenças religiosas politeístas da antiguidade. Passei a buscar, portanto, uma conexão com a *ecologia de saberes* e o *pensamento pós-abissal*, conceitos explorados no decorrer dessa pesquisa. Contudo, percebo que, na prática, o processo é gradual, primeiro são conceitos incorporados em mim, lembrados em vários momentos, e então, pouco a pouco, passam a fazer parte da maneira como ensino História e da maneira como conduzo as aulas.

Essa pesquisa trouxe a oportunidade, também, de tornar-me mitohermeneuta na prática. Resgato aqui o sentido do conceito hermeneuta, como aquele que interpreta, o que faz uso da ciência voltada à interpretação dos signos e de seu valor simbólico, conceito esse que tem em sua raiz “as viagens” de Hermes, o deus mensageiro, dos viajantes, aquele que comunica, que transmite a mensagem, mas que também é o deus brincalhão (falo para os meus alunos que é o deus das trolagens), o que remete à diversão, a uma certa esperteza, a sabedoria lúdica. São nas sandálias e no capacete alados de Hermes que, metaforicamente, o mitohermeneuta voa pelas narrativas míticas, acessa os diferentes mundos (mundo dos deuses olímpianos, terreno humano e submundo de Hades), percorre os caminhos simbólicos e se ajusta aos modelos necessários para sua identidade, jornadas pessoais e histórias individuais.

No meu caso, particularmente, todo o processo para a construção dos *podcasts*, já foi um mergulho mitohermenêutico, em todo sentido que essa categoria traz, uma real jornada interpretativa, que só se tornou possível a partir de mim mesma. Acredito que todo esse processo criativo, imaginativo e artístico, que vai da (re)construção das narrativas, da incorporação e entonações das vozes que deram vida aos personagens, até as escolhas das músicas, dos sons, dos efeitos, me proporcionou um verdadeiro “mergulho” interpretativo nas narrativas míticas.

Iansã, horas búfalo, horas borboleta, me representa (ou eu a represento); inclusive nessa mesma jornada dissertativa aqui apresentada, mas também em muitos outros momentos da vida. A pequena Mani, heroína que se sacrifica e alimenta sua comunidade, o arqueiro Oxóssi com sua bravura e precisão em uma flecha só, os meninos travessos que viram estrelas a observar o mundo de cima, todas essas jornadas se transformaram também em metáforas internas. A essência de toda minha intenção é que, por meio do material disponibilizado na página virtual “Contos da Terra”, ou pelo menos em algo inspirado nessa proposta, se

possibilite experiências de jornadas interpretativas similares para os alunos, e também para professores.

Ao retomar a problemática que originou essa pesquisa, que consiste essencialmente no questionamento de como as narrativas e as experiências míticas de origem iorubá e indígena podem contribuir para o processo de aprendizagem em História, e contribuir também para desenvolvimento integral do estudante, e pensando sobre o objetivo principal que conduziu todo o processo, qual seja, apresentar algumas formas de compreender e usar os mitos no ensino de História sem excluir a amplitude e as especificidades dessas narrativas, trazendo uma compreensão do conceito de mito para além de um gênero literário ilustrativo de uma cultura específica e desassociando a ideia de mito/mentira, passo a fazer algumas reflexões finais ligadas a esses fios condutores iniciais.

Ao priorizar o trabalho com mitos iorubás e indígenas, foi possível perceber, e sentir, o modo integrativo de como essas comunidades lidam com a vida. Nos mitos, o ser humano, o tempo, o coletivo, a Natureza e a História são elementos integrados, conectados um ao outro, como uma grande rede que dá sentido à toda existência. A Terra é concebida como um grande organismo vivo e entrelaçado (o alimento que é o corpo, os ventos que são Iansã, as estrelas que são os olhos, os animais que são as mulheres), assim como os elementos da natureza que estão dentro e fora de todos nós (fogo de Xangô, terra de Oxóssi, ar de Oyá), concepções que permeiam as narrativas, e de certa forma, geram essas sensações na jornada interpretativa do mitohermeneuta.

Nessas narrativas, os processos de morte e renascimento são apresentados de uma forma positivamente transformadora. As relações familiares e amorosas, assim como, as relações dos membros de uma comunidade, trazem perspectivas diferenciadas de lidar com os eventos da vida e abrem portas para explorarmos essas conexões. As atividades sugeridas possuem como pano de fundo todas essas intenções, mas, ao mesmo tempo, admito a dificuldade e a resistência em abandonar os moldes pedagógicos mais tradicionais, e por isso, são alguns exemplos de tentativas de incorporar essas percepções da vida, passando por processos criativos, lúdicos, artísticos, sem esquecer todos os processos históricos desses grupos sociais que também compõem essas narrativas.

Sendo assim, a dimensão propositiva, aqui apresentada, deve ser vista como uma inspiração, e não apenas como um material didático pronto a ser utilizado. Fica, na verdade, um convite para o professor(a) de realizar a jornada mitohermenêutica com seus alunos,

pensando no conhecimento histórico escolar, mas também integrando todas essa potencialidade do mito como modelo de onde surge tudo que existe dentro e fora de nós.

A diversidade dos mitos de diferentes origens e tradições, as diferentes formas de contar e recontar esses mitos, as temáticas possíveis de serem abordadas a partir de cada narrativa, assim como as inumeráveis formas de trabalhar com mitos em cada disciplina, ou de forma interdisciplinar e transdisciplinar, são caminhos que podem continuar a ser traçados, e desvendados, por cada educador.

“Pode ser que as pessoas descubram no fascínio do conhecimento uma boa razão para viver, se elas forem sábias o bastante para isso e puderem suportar a convivência com o erro, o não saber e, sobretudo, se não morrer nelas o permanente encanto com o mistério do universo. ”

Rubem Alves

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. **300 pílulas de sabedoria**. 1. ed. – São Paulo: Planeta, 2015.

ARMSTRONG, Karen. **Breve história do mito**. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ASSMANN, Jan. **Communicative and cultural memory**. In: ERLI, Astrid; ÜNNING, Ansgar (Ed.). *Cultural memory studies: an international and interdisciplinary handbook*. Berlin; New York: De Gruyter, 2008. p. 109-118. Tradução: Méri Frotscher

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. Apresentação, tradução e notas de Francisco De Ambrosio Pinheiro Machado. Porto Alegre: Zouk Editora, 2012.

_____. **“Experiência e pobreza”**. In: *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas Volume 1*. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. 3 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

_____. **“O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”**. In: *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas Volume 1*. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. 3 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de Mil faces**. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento, 2007.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERREIRA-SANTOS, Marcos **Cultura Imaterial e processos simbólicos**. Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 2004

FERREIRA-SANTOS, Marcos (2005). **Razão sensível e educação de sensibilidade**. In: Crepusculário: conferências sobre mitohermenêutica & educação em Euskadi. São Paulo: Editora Zouk, 2a . ed. Disponível em: www.marcosfe.net

_____. **Espaços crepusculares: poesia, mitohermenêutica e educação de sensibilidade**. In: Revista @mbienteeducação, volume 1, Jan/Julho 2008.

GIRALDES, Antonio Roberto. **Mestres e Heróis: Mitohermenêutica da Formação da Identidade de Professores**. 2011. 132 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011

JUNG, Carl Gustav. **Arquétipos do Inconsciente Coletivo**. In: **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____. **Lo Inconsciente**. Trad. Emílio Rodrigues Sadia. Buenos Aires: Losada, S. A., 1974.

PONTES, Katiúscia Ribeiro. **Kemet, escolas e arcádeas: a importância da filosofia africana no combate ao racismo epistêmico e a lei 10639/03** / Katiúscia Ribeiro Pontes.—2017. 93f. ; enc. Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca , 2017.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu. Palavras de um xamã Yanomami**. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vidão não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à Educação do futuro**. Trad. Catarina Eleonora F, da Silva e Jeanne Sawaya. 2 ed. São Pulo: Cortez, 2000

MOERBECK, Guilherme. **História Antiga no Ensino Fundamental: um estudo sobre os mitos gregos antigos e a consciência histórica.** *Revista História Hoje*, v. 7, nº 13, p. 225-247 – 2018. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/418>

PEREIRA Dandara Perlin; SILVA, Semíramis Corsi. **Por uma história prazerosa e consequente: Mitologia grega, gênero e documentos históricos em Sala de aula.** In: ENCONTRO COMPARTILHANDO SABERES: PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM MEDIADOS POR TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS EM REDE. UFSM 4. 2010. Santa Maria. Anais. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/342/2019/05/Dandara-Perlin-Pereira-Por-uma-Historia-prazerosa-e-consequente.pdf>

ROSSI, Rafael Alves. **A História Antiga na sala de aula do 6 ano do ensino fundamental com "contação de histórias".** Dissertação Mestrado Profissional PROFHISTÓRIA. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes.** In: MENESES, Maria Paula (org.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVEIRA, Matheus Fernando. **Dados & Devaneios : RPG como metodologia de Ensino de História.** Dissertação Mestrado Profissional PROFHISTÓRIA. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2021.

VÍDEOS

A filosofia de Renato Nogueira - Ciência & Letras

<https://www.youtube.com/watch?v=S7f0bKmrUMk>

Algumas palavras sobre o Ensino de História Antiga, a consciência histórica e a BNCC

<https://www.youtube.com/watch?v=xa3xwwgOm3E&t=3702s>

Coleção de Vídeos de entrevista com Joseph Campbell: O Poder do Mito.

https://www.youtube.com/watch?v=3Don-ZO92N4&list=PLA12LVF3EJ9puGg10-XZlacP_5qNq7HaA

Defesa da tese de mestrado de Matheus Fernando Silveira

<https://www.youtube.com/watch?v=8A3kJI391BQ>

ANEXO A: gibis produzidos e expostos pelos alunos dos sextos anos da Escola de Educação Básica José Rodrigues Lopes em 2019



ANEXO B: bonecos de personagens da mitologia greco-romana produzidos pelos alunos dos sextos anos da Escola de Educação Básica José Rodrigues Lopes em 2019



ANEXO C: BREVE RELATO DE UMA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM OS *PODCASTS* CONTOS DA TERRA

Até a conclusão do quarto capítulo desse trabalho, não tinha a intenção de incluir aqui algo relativo à real aplicação das atividades sugeridas na dimensão propositiva. Primeiro porque, durante os dois anos do mestrado, não estive atuando efetivamente em sala de aula, o que implica em dizer, que escrevi toda a dissertação fazendo um exercício imaginativo, muito mais ligado ao planejamento, baseado em experiências anteriores, do que aos resultados. Segundo porque o objetivo principal da pesquisa, como já mencionado anteriormente, foi criar e produzir a audioteca de narrativas míticas, diferentes das greco-romanos, para uso pedagógico, principalmente nas aulas de história, e disponibilizar esse material aos educadores de forma geral; etapa essa que já havia concluído no início do ano¹¹. No entanto, por volta da metade do primeiro trimestre, voltei às salas de aula dos sextos anos do ensino fundamental e, apesar da minha pesquisa já estar praticamente concluída, tive a oportunidade de trabalhar com o material que criei, e gostaria de deixar aqui registrada também essa experiência. Reitero que será mais um breve relato do processo e alguns apontamentos sobre minhas principais impressões, do que uma análise dos resultados, já que, esta segunda opção, poderia, até mesmo, ser tema de uma nova pesquisa, o que não me proponho a fazer nesse momento, por acreditar que a produção da audioteca de *podcasts* e os estudos teóricos que a acompanham já configuram material suficiente para esse trabalho atual.

Planejei as aulas para o período de uma semana de dias letivos (do dia 06 de junho, uma segunda-feira, até o dia 10 de junho, sexta-feira) o que consiste, na prática, em 3 aulas de 45 minutos cada. Optei por trabalhar, nessa oportunidade, exclusivamente com os mitos iorubás. Participaram dessas aulas, ao todo, pouco mais de 100 alunos, envolvendo 4 turmas de sextos anos da Escola de Educação Básica José Rodrigues Lopes, instituição em que atuo como professora de História, na cidade de Garopaba. Passo agora a descrever brevemente um pouco dessa experiência.

Iniciei as aulas comentando com os alunos sobre a importância das narrativas míticas para as diversas sociedades. Expliquei que todos os povos, de diferentes tempos e espaços, incluindo os grupos sociais e culturais que nós fazemos parte atualmente, têm suas maneiras de

¹¹ Para informe: refere-se ao ano 2022. Durante os anos de 2020, e 2021, realizei todas as disciplinas do mestrado. Excepcionalmente, as aulas foram realizadas de forma remota, já que atravessávamos um período crítico referente ao isolamento social consequente dos contágios por COVID 19.

explicar o mundo, os fenômenos naturais, a origem das coisas, os sentimentos, as emoções e os acontecimentos. E que muitas vezes, os vários tipos de conhecimento, ancestrais, tradicionais, mitológicos, religiosos e científicos, se misturam e se complementam. Aqui trouxe, como exemplo, narrativas míticas cristãs, como a criação da humanidade a partir de Adão e Eva e também a história da grande embarcação construída por Noé durante o dilúvio bíblico, que coexistem com teorias científicas como a da *Seleção Natural*.

Também relembrei temas que já tínhamos trabalhado como o Egito Antigo, quando contei a eles sobre o mito do Tribunal de Osíris, narrativa que relata que os corações das pessoas que morriam eram pesados em uma balança “especial” para determinar se teriam direito, ou não, à vida após a morte. Os alunos também já conheciam vários mitos greco-romanos, pois estamos na parte do currículo escolar em que trabalhamos os conteúdos da Idade Antiga, principalmente através do projeto “Contação de mitos greco-romanos”, sobre o qual já falei várias vezes nessa pesquisa e continuo a realizar todos os anos. Depois dessa fala introdutória, que a meu ver, também instigou mais a curiosidade dos estudantes, passamos aos dois *podcasts*: **Iansã Borboleta e Oxóssi da Floresta**.

Como era uma semana de dias muito frios, e minha escola não possui muitos espaços externos que possam ser confortavelmente utilizados por 30 alunos (média de alunos por turma), e também por eu precisar de um bom equipamento de som, optei por permanecermos em sala. Tentei, contudo, criar um ambiente mais calmo, mais íntimo, e até um pouco mágico, para a reprodução dos áudios. Fechamos as cortinas e apagamos as luzes, pedi aos alunos que fechassem os olhos e se sentassem da maneira que mais se sentissem confortáveis nas cadeiras mesmo, e a sala ficou muito silenciosa. Os *podcasts* foram reproduzidos com o auxílio de uma caixa de som, o que deixou o volume com um ótimo alcance.

Depois de ouvirmos os áudios, pedi que me dissessem quais tinham sido as suas sensações ao ouvir as histórias e anotei no quadro as palavras e expressões que eles iam me dizendo, como: “*deu medo*”, “*fiquei ansioso*”, “*parecia que tava chovendo*”, “*parecia que a gente estava numa roda com tambores*”, “*me senti no meio da floresta*”. Achei muito interessante a menção à “roda de tambores”, o que aconteceu em duas salas. Fiquei me questionando se em algum momento havia falado sobre como essas histórias, dentro de suas tradições, geralmente são contadas em círculos, as vezes usando instrumentos musicais, e percebi que não havia falado sobre o assunto, então talvez seja mesmo uma sensação ligada à ancestralidade coletiva (por que não?) ou a experiências individuais desses alunos. A sensação de se “estar na floresta” ou no “meio da natureza” também apareceu várias vezes, o que me

deixou especialmente satisfeita, já que os efeitos sonoros que escolhi para as gravações têm exatamente esse intuito, de “transportar” os ouvintes para um outro lugar dentro das suas mentes ao ouvir as narrativas. Realizada essa “chuva de sensações”, passamos a relembrar os nomes dos personagens que aparecem nos *podcasts* e fui registrando no quadro.

Nesse momento foi muito interessante as conexões, que eles mesmos fizeram, entre alguns personagens das narrativas iorubás e de outros mitos que conheciam. Alguns mencionaram que Xangô é parecido com Zeus. Outros, que Oxóssi se parece com o Curupira. Iansã foi relacionada com a deusa guerreira Atena. Um aluno comentou que a capacidade de Iansã se transformar em animais se assemelha com os “poderes” da deusa Métis, primeira esposa de Zeus, que se transforma em vários animais até ser engolida pelo marido em forma de mosca (eu tinha contado esse mito algumas semanas antes). Relacionaram, até mesmo, Oxóssi com Artêmis, mencionando que os dois personagens, mesmo sendo um masculino e ou outro feminino, são “deuses” da caça, mas também protetores dos animais e das florestas. Para mim, todas essas relações feitas por eles indicam que eles conseguiram captar os símbolos que envolvem esses modelos míticos de alguma forma, sem cair prontamente, numa descrição religiosa e, talvez preconceituosa, dos Orixás. Percebi que apresentei os *podcasts* com as narrativas iorubás em um momento que já havia uma certa familiaridade com personagens míticos de diversas origens. Sinto que essa familiaridade fez com que houvesse uma receptividade maior dos personagens míticos iorubás, pois afinal de contas, todos esses modelos arquetípicos vão além das crenças religiosas, e me parece, pelos paralelos que eles fizeram, foram aqui percebidos não só como elementos de alguma religião específica.

Perguntei a eles se sabiam quem eram os iorubás e se já conheciam algum Orixá. Sobre o termo iorubá, nenhum estudante se pronunciou, então expliquei um pouco sobre o tema, mas não me aprofundi, pois, uma das atividades propostas, seria justamente fazer essa pesquisa. Sobre os Orixás, vários alunos disseram que já conheciam, que “são da religião da mãe, ou avó”. Os mais citados foram Iemanjá e Exu. Até me surpreendi com essas referências, pois faz poucos anos que chegaram, aqui na nossa cidade, as primeiras terreiras e casas de Candomblé e Umbanda. Quando me mudei para Garopaba, em 2008, não tinha conhecimento sobre a existência de nenhuma, e agora já, conheço ao menos 3. Parece que, gradativamente, elementos da cultura afro vão sendo mesclados com a forte influência açoriana da nossa região. Cito também, como exemplo, outras manifestações artísticas e culturais de matriz africana que passaram a fazer parte do cenário cultural da cidade nos últimos anos, como o grupo de Maracatu Baque Encantado, do qual faço parte, e que já existe desde 2016. Até 2010, mais ou

menos, existia apenas um professor de capoeira na região, hoje já se fixaram na cidade mais de 6 professores, de grupos diferentes. Além disso, a percussão e dança afro-guineana são atividades presentes aqui desde 2015, com a chegada do mestre Djanko Kamara, africano que residiu por alguns anos na cidade e deixou vários alunos e alunas que seguem nesse movimento, como eu, que faço aulas regulares de dança afro até hoje. Inclusive já levei esses grupos ligados à cultura afro-brasileira até a escola onde atuo diversas vezes para apresentações, oficinas e palestras. Momentos esses sempre muito enriquecedores, mas ainda causadores de polêmicas e estranhamento. Esse é o tipo de distanciamento que gostaria de diminuir ao trabalhar com as narrativas míticas de origem iorubá em sala de aula.

Em seguida distribuí para os alunos o que chamei de “bloquinho de atividades”. Selecionei, dentre o material sugerido no site “Contos da Terra”, 6 atividades ligadas aos mitos iorubás, que poderiam ser realizadas com qualquer um dos 2 *podcasts* escolhidos. Foram elas: ATIDADE 01, ATIDADE 02, ATIVIDADE 03 e ATIVIDADE 04 apresentadas na sessão 4.1 **PODCAST 01: Iansã Borboleta** e as ATIVIDADE 01 e ATIVIDADE 03 da sessão 4.2 **PODCAST 02: Oxóssi da floresta**.

Os alunos poderiam escolher no mínimo duas atividades do bloquinho. Minha intenção aqui foi de perceber quais atividades chamaram mais atenção, causaram maior interesse. Mas também poderiam realizar mais, ou todas, as atividades, já que teriam uma semana de prazo para a entrega dos bloquinhos de atividades. Acabei optando por oferecer o acréscimo de 1 ponto, em uma das avaliações do trimestre, para o estudante que realizasse todas as atividades, estratégia pensada mais como incentivo, pois seria uma nota extra e a realização da totalidade dos exercícios não era obrigatória. Ao receber os bloquinhos de atividades dos alunos, e fazer uma breve contagem, percebi que, por volta de 20% dos estudantes realizaram todas as atividades. Nesse momento, não terei como foco esse primeiro fator, o que me interessou mais foi observar quais, dentre as 6 atividades propostas, foram as que eles mais se interessaram em realizar. Indiscutivelmente, na ordem descrita acima, foram as ATIVIDADE 01, ATIVIDADE 02 e a ATIDADE 03. Rapidamente pude perceber que, essas atividades são as que proporcionam, em maior medida, a releitura dos mitos e dos personagens de uma maneira em que o indivíduo/aluno/hermeneuta aparece claramente no seu próprio processo de realizar os exercícios.

Na ATIVIDADE 01, eles desenharam os personagens iorubás como os imaginaram. Muitos desenharam uma Iansã de pele branca e vestido delicado, ou um Oxóssi em formato de guerreiro de anime, e vários desenharam a borboleta, o búfalo ou o pássaro que foi atingido por

Odé. Depois eles escreveram porque tinham escolhido esses personagens e apareceram frases como: “escolhi a borboleta porque ela pode voar e fugir dos problemas”, “escolhi Oxóssi porque ele parece um guerreiro”, escolhi “Iansã porque ela é muito bonita”. Para mim, fica um tanto quanto evidente o processo de identificação que reflete o processo individual que cada aluno está percorrendo nessa etapa da vida, pois cada escolha feita, parte de si mesmo. Relembro aqui a citação:

Esta mitohermenêutica, na reflexão sobre a educação, se debruça sobre a interpretação das obras das artes e das culturas, mas, principalmente, situa a compreensão de si mesmo como ponto de partida, meio e fim de toda jornada interpretativa. Portanto, não se trata de uma simples técnica de interpretação, mas uma jornada interpretativa em que o hermenauta se instala na paisagem cultural das obras com que trabalha, viaja ao seu interior e reconstrói os sentidos de tal imersão. (FERREIRA-SANTOS, 2005, p. 216)

Na ATIVIDADE 02, a reconstrução pessoal da narrativa mítica em formato de HQ, mostra as passagens míticas que mais interessaram os alunos, e porque não dizer, que mais serviram para eles como alguma forma de modelo simbólico.

A ATIVIDADE 03, particularmente para mim, foi a mais interessante de ser observada. A sugestão era de escrever uma narrativa, que poderia ser construída de elementos fictícios, mas baseada em fatos reais das suas vidas, na qual eles poderiam se transformar em algum animal para interagir melhor com determinada situação vivida por eles (inspirados no mito de Iansã). No meu ponto de vista, acho muito enriquecedor, especialmente como professora de história, conhecer partes das histórias pessoais dos alunos, levando em consideração que, a cada ano letivo, trabalho com mais de 300 alunos, o que impossibilita um conhecimento mais profundo de cada um. Tenho uma tendência a valorizar muito esse tipo de oportunidade. Ao ler as narrativas pude perceber que vários alunos mencionaram o peixe ou a baleia como animais que gostaria de ser em algum momento da vida. Refletindo sobre isso, me arrisco a dizer que, muito provavelmente, isso vêm da ligação forte e íntima que a comunidade garopabense tem com o mar. Muitos estudantes da escola são membros de famílias de pescadores, atividade muito comum na cidade, principalmente nessa época do ano em que nos encontramos, pois é época da pesca da tainha. Outros animais que apareceram bastante foram os “voadores”: pássaros, corujas, borboletas. E também me arrisco a dizer que a capacidade de voar, presente em muitos personagens míticos como heróis, fadas, deuses e deusas, também é um elemento simbólico muito presente no imaginário humano, e talvez, como dizem os teóricos aqui mencionados no primeiro capítulo, um mito propulsor para o desenvolvimento da ciência e da

tecnologia envolvendo a construção de aeronaves, por exemplo. Divagações à parte, certamente nessa atividade, é onde fica mais evidente o processo mitohermenêutico, no qual o indivíduo se inclui na jornada mítica e se transforma em um personagem.

Uma das belas tarefas da mitohermenêutica é considerar as atitudes cotidianas e as pequenas ações dos indivíduos (seus mitos pessoais ou coletivos) como exercícios de posicionamento diante do mundo que implicam, e desdobram, sentidos e caminhos para justificarmos o sentido de nossa existência. (GIRALDES, 2011, p. 44)

Todas essas minhas impressões, se a elas dedicadas mais tempo, um método de análise e um aporte teórico propício, certamente dariam “*pano pra manga*” e, como já disse, poderiam ser o tema de uma nova pesquisa. Por enquanto, fico por aqui, com a coleta e registro das primeiras percepções a partir da aplicação das atividades com os *podcasts* míticos, e intencionando (sonhando/imaginando), sempre, uma continuação desses estudos.